



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CAMILA PENAFORTE DA SILVA

MÃES DILACERADAS:

TRAJETÓRIAS DE DORES E LUTAS DE ELIZABETH TEIXEIRA E ZUZU ANGEL
DURANTE O REGIME CIVIL MILITAR

Cajazeiras - PB
2023

CAMILA PENAFORTE DA SILVA

MÃES DILACERADAS:

**TRAJETÓRIAS DE DORES E LUTAS DE ELIZABETH TEIXEIRA E ZUZU ANGEL
DURANTE O REGIME CIVIL MILITAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Silvana Vieira de Sousa

**Cajazeiras – PB
2023**

S586m Silva, Camila Pena forte da .
Mães dilaceradas: trajetórias de dores e lutas de Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel durante o Regime Civil Militar / Camila Pena forte da Silva . - Cajazeiras, 2023.
54f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Souza.
Monografia (Licenciatura em História) - UFCG/CFP, 2023.

1. Mulheres – história - Brasil. 2. História das mulheres. 3. Luta das mulheres - história. 4. História política. 5. Movimentos sociais. 6. Elizabeth Teixeira. 7. Zuzu Angel. 8. Regime civil Militar. I. Souza, Silvana Vieira de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 305-055.2(81)(091)

CAMILA PENAFORTE DA SILVA

MÃES DILACERADAS:

TRAJETÓRIAS DE DORES E LUTAS DE ELIZABETH TEIXEIRA E ZUZU ANGEL
DURANTE O REGIME CIVIL MILITAR

APROVADO em: ___/___/___

Comissão examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Silvana Vieira de Sousa
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Ana Lunara da Silva Moraes
Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Rosemary Negreiros de Araújo
(Universidade Federal do Tocantins- UFT)
Examinadora

Prof^º. Ms. Francinaldo de Souza Bandeira
Examinador (Suplente)

**Cajazeiras - PB
2023**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por não ter desistido de mim quando eu já duvidava de sua existência, por se manter ao meu lado quando surgia novos obstáculos no caminho. A ele se deve minha saúde, determinação e esperança. Agradeço por fazer com que meus objetivos fossem alcançados e conservado a minha determinação para não desanimar durante a produção desta pesquisa.

Agradeço aos meus familiares, em especial meus pais Maria e Adonias, que não contaram esforços para que concluísse um curso superior, mesmo passando por diversas dificuldades durante todo esse processo. Minha gratidão as minhas tias, Neurinete e Libaneide por todo o apoio e compreensão nos momentos difíceis. Aos demais membros da minha família pela esperança depositada em mim para trazer um diploma universitário para casa.

Agradeço aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho. Em especial a Nívea Arethúza, Samara Luciano e Yasmim Saldanha, por não me deixarem desistir nas diversas vezes que pensei nessa opção, e por compreenderem minha ausência em algumas ocasiões.

Agradeço a Universidade Federal de Cajazeiras, mais precisamente ao Campus CFP, por me tornar uma mulher forte e decidida a buscar sempre mais conhecimento. Agradeço também a todos os professores que se fizeram presente durante esta jornada acadêmica, em especial a orientadora deste trabalho a Prof^ª. Silvana Vieira de Sousa, por todo o suporte durante toda a construção deste trabalho.

Agradeço aos meus colegas da turma História 2016.1, em especial a Aline Moura, Fabriciana Abreu, Jacqueline Magalhães, Janicleide Machado, Cícero Alves e Irmã Maria Fernandes, por todos os conselhos e conversas inspiradoras.

Agradeço também a Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel pela fonte de inspiração na luta pelos seus direitos. E por último e não menos importante, agradeço a mim, por não ter desistido quando tudo parecia inútil, por ter sido forte e perseverante na busca por um futuro melhor.

“Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse lamento
Só queria lembrar o tormento
Que fez o meu filho suspirar

Quem é essa mulher
Que canta sempre o mesmo arranjo
Só queria agasalhar meu anjo
E deixar seu corpo descansar

Quem é essa mulher
Que canta como dobra um sino
Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar

Música Angélica de Chico Buarque

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de mostrar as trajetórias de vidas e lutas de duas mulheres brasileiras afetadas diretamente pelo o regime civil militar brasileiro, sendo essas mulheres Elizabeth Teixeira, primeira mulher a liderar uma Liga Camponesa e assumiu a luta em defesa dos trabalhadores rurais após o assassinato do marido, o líder camponês João Pedro Teixeira, a outra é Zuzu Angel, estilista que ficou nacionalmente conhecida pela busca de seu filho, Stuart Angel, preso e morto pela ditadura militar brasileira durante os anos de 1971 a 1976. Trata-se de uma pesquisa do campo da História Social, com interface na nova História Política e Nova História Cultural. Para dar andamento na pesquisa foi usado duas fontes para cada personagem sendo o Livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho* da autora Virginia Valli, a produção cinematográfica *Zuzu Angel* do diretor Sergio Rezende, o documentário *Cabra Marcado Para Morrer* dirigido por Eduardo Coutinho, recortes de jornais da época, documento do arquivo nacional e entrevistas dadas por Elizabeth Teixeira no decorrer dos anos que tratam o período estudado. Diante disso, foi apresentado as diversas formas de “subversão” ao regime, fica entendido os lugares sociais e aspectos culturais de cada uma. Foi discutido as semelhanças e diferenças entre Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel, estabeleceu-se um paralelo entre as lutas destas duas mulheres, fica constatado que essas mães mantiveram suas falas fortes na luta contra todo um sistema opressor vigente no país.

Palavras-chaves: Elizabeth Teixeira, Zuzu Angel, Regime Civil Militar Brasileiro, História de Lutas das Mulheres, História Política, Movimentos Sociais.

ABSTRACT

This work aims to show the trajectories of lives and struggles of two Brazilian women directly affected by the Brazilian civil military regime, these women being Elizabeth Teixeira, the first woman to lead a Peasant League and took up the fight in defense of rural workers after the murder of her husband, peasant leader João Pedro Teixeira, the other is Zuzu Angel, a designer who became nationally known for the search for her son, Stuart Angel, arrested and killed by the Brazilian military dictatorship during the years 1971 to 1976. a research in the field of Social History, with an interface in the new Political History and New Cultural History. To proceed with the research, two sources were used for each character, the book *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho* by Virginia Valli, the cinematographic production *Zuzu Angel* by director Sergio Rezende, the documentary *Cabra Marcado Para Morrer* directed by Eduardo Coutinho, clippings from newspapers of the time, document from the national archive and interviews given by Elizabeth Teixeira over the years that deal with the period studied. In view of this, the various forms of "subversion" to the regime were presented, understanding the social places and cultural aspects of each one. The similarities and differences between Elizabeth Teixeira and Zuzu Angel were discussed, a parallel was established between the struggles of these two women, it is verified that these mothers maintained their strong lines in the fight against an oppressive system in force in the country.

Keywords: Mothers, Zuzu Angel, Elizabeth Teixeira, Military Dictatorship in Brazil, History of Women's Struggles, Social Struggles.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Julgamento dos assaltantes da distribuidora Ideal no Rio de Janeiro.....	27
Figura 2 - Homenagem as 10 mulheres que promoveram o desenvolvimento nacional, 1968. Correio da Manhã – RJ.	32
Figura 3 - Balaio - Nota sobre Zuzu Angel trabalhar em uma coleção internacional. Correio da Manhã - RJ.....	32
Figura 4 - Coluna Social do Jornal Folha de São Paulo.....	39
Figura 5 - Caderno B - Reportagem sobre as últimas coleções da estilista Zuzu Angel, em 1972. Jornal do Brasil – RJ.	39
Figura 6 - Reportagem sobre a morte de Zuzu Angel, 15 de Abril de 1976. Folha de S. Paulo - SP.....	42
Figura 7 - Seção "É Isso Aí Sergio Augusto". 1978. Pasquim – RJ.....	43
Figura 8 - Seção "Dicas". 1979. Pasquim - RJ.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5	Ato Institucional Número Cinco
ALN	Ação Libertadora Nacional
BR-230	Rodovia Federal Número Duzentos e Trinta ou Rodovia Transamazônica
CISA	Centro de Informações da Aeronáutica
CNV	Comissão Nacional da Verdade
DVD	Disco Digital Versátil
EUA	Estados Unidos da América
FIPRESCI	Federação Internacional de Críticos de Cinema
IMS	Instituto Moreira Salles
MR-8	Movimento Revolucionário Oito de Outubro
PB	Paraíba
PCB	Partido Comunista do Brasil
RJ	Rio de Janeiro
SAPPP	Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco
SNI	Serviço Nacional de Informações
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	15
1.1 A luta do campo e a queda da democracia no Brasil.....	15
1.2 Fontes e falas na abordagem do objeto de estudo	18
CAPÍTULO 2	20
2.1 Elizabeth Teixeira – “A viúva” e a Herança Política.....	20
2.1.1 O Nordeste comunista e a luta João Pedro Teixeira	21
2.1.2 Morte, violência e injustiça	23
2.2 Zuzu Angel – A estilista e a Busca Incansável por Justiça	24
2.2.1 Stuart, um filho rebelde inserido nos movimentos estudantis.....	25
2.2.2 O desaparecimento e a morte de um filho.....	27
CAPÍTULO 3	29
3.1 Tempo e Espaços de Luta.....	29
3.1.1 Formas de Lutas.....	34
3.2 Resultado das Lutas.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

A ditadura militar brasileira foi um regime político instaurado por meio de um golpe organizado por instituições civis e militares no dia 1 de abril de 1964, que durante 21 anos passou por vários presidentes militares sendo esses: Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967), Artur da Costa e Silva (1967-1969), Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974-1979) e João Figueiredo (1979-1985), chegando ao fim em 15 de março de 1985. Foi um período da história brasileira marcado pelo autoritarismo empregado pelos governantes, durante os cinco mandatos militares e tiveram vários atos institucionais que legalizaram a censura, prisões e morte de opositores políticos.

Alguns anos antes da instauração da Ditadura, surge no Nordeste do Brasil, mais precisamente no estado da Paraíba em 1950, a Liga Camponesa de Sapé, no estado da Paraíba, e junto dela o nome do seu Líder João Pedro Teixeira. A Liga Camponesa de Sapé foi uma organização que defendia da reforma agrária e a melhoria nas condições de trabalho e seus direitos trabalhistas, sendo tendo como líder um trabalhador do campo, João Pedro, por defender abertamente seus direitos e enfrentar diretamente os grandes latifundiários da região. Não demorou muito para darem fim a sua vida. Logo após o assassinato desta liderança em 1962, vem à tona a figura de Elizabeth Altino Teixeira, a viúva e sucessora no cargo de Líder do movimento camponês, se tornando a primeira mulher a assumir o papel de liderança no maior movimento camponês, onde enfrentou latifundiários enfurecidos, perseguições e prisões, em busca de justiça pela a morte de João Pedro e de três de seus onze filhos, e ainda manteve a frente de melhores condições para os trabalhadores. Com a instauração da Ditadura Militar Brasileira, a líder camponesa foi perseguida, e acabou por se exilar no interior do Rio Grande do Norte, tendo que se separar dos seus filhos por mais de dez anos.

Neste mesmo período temporal a mineira Zuleika Angel Jones, ou como era conhecida, Zuzu Angel, desponta como uma estilista de sucesso no Brasil, abrindo sua loja de roupa no Rio de Janeiro e apresentando suas criações em desfiles no exterior, trazendo uma moda ligada a temas regionais e folclóricos. A estilista deixou seu legado para além da moda, sendo também lembrada nacionalmente e

internacionalmente por sua busca incansável por respostas sobre seu filho, o militante político Stuart Edgar Angel Jones, ligado ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), preso, torturado e morto pelos militares e posteriormente transformado em desaparecido político. A estilista enfrentou autoridades brasileiras e apresentou o caso também a autoridades estadunidenses, fez uso de sua arte como modo de militar fazendo um desfile temático com figuras que remetiam a ditadura e conseqüentemente a sua dor, como canhões, sodados etc¹. Repassando através de sua moda e via carta a história de seu filho e outros jovens mortos por militares.

As trajetórias de vidas dessas duas mulheres que transformaram suas percas em força para lutarem bravamente pelos seus direitos, são mães que não se calaram e lutaram para se manterem vivas e ativas na luta, sendo uma viúva paraibana mãe de 11 filhos que assumiu a liderança de um dos maiores movimentos camponês do Brasil e a outra mineira estilista consagrada nacionalmente e internacionalmente que expos a situação do Brasil para o mundo. Pode-se tirar desse estudo várias ações destas mães levaram a uma grande exposição dos fatos ocorridos no país que feriam os direitos humanos, levando o mundo a ter conhecimento do que acontecia em terras brasileiras. A posição de manifestantes e mães levam a vários questionamentos sobre a importância do estudo mais aprofundado na memória dos que participaram desses movimentos. O foco da nossa pesquisa são duas mulheres, Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel, que passaram por traumas, e estes fatos as levaram a se manifestarem em oposição ao regime imposto ao país pelas Forças Armadas, essa disposição para a rebeldia que leva a analisara trajetória de vida e luta duas mães separadas de seus filhos durante o regime civil militar.

Compreender esse período histórico do país foi o estopim para a elaboração desta pesquisa, por ser um período recente em nossa história, onde nos deparamos com situações de violação dos direitos humanos e agressão a entidades de representação na sociedade civil e política, que são questões vividas no nosso dia-a-dia. Para melhor entender o que tem sido considerado o momento mais obscuro da repressão e violência social, fizemos um estudo através da visão feminina de duas mães que neste período passam por perseguições e censuras que marcaram suas

¹ A respeito das figuras e imagens das vestimentas, ver o site do Instituto Zuzu Angel. Disponível em: <https://www.zuzuangel.com.br/>.

vidas. Com isto, a pesquisa busca apresentar alguns estudos sobre as diversas formas de “subversão” ao regime, assim entendendo os lugares sociais e aspectos culturais e de luta que ambas estavam inseridas e se inseriram. Discutindo através destas as semelhanças e diferenças entre Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel, estabelecendo um paralelo entre as lutas travada por ambas.

No primeiro capítulo, intitulado, **Situando o estudo sobre as mães Zuzu Angel, Elizabeth Teixeira e a resistência**, é feito um breve apanhado sobre o Brasil no século XX, apresentando o cenário político e social que Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel estavam inseridas de forma cronológica. Então é introduzido ao leitor como se deu o surgimento dos movimentos dos trabalhadores do campo e a implantação do regime civil militar de 1964, que foram ocasiões históricas que deixaram marcas no âmbito político e social do Brasil, e por fim é feita uma exposição das fontes que serão utilizadas no decorrer do trabalho de conclusão de curso.

No segundo capítulo, **Apresentando as mães vítimas da opressão política: quem foram estas mães brasileiras**, é apresentado o ciclo de relações dessas mulheres, onde é feito um breve resumo de suas vidas antes da inserção de ambas na luta por seus direitos, compreendemos como se dava seus relacionamentos e seus lugares de fala que Elizabeth e Zuzu ocupavam. Ainda neste capítulo é feito um apanhado sobre João Pedro Teixeira e Stuart Angel, onde é apresentado as suas lutas e como se deu os seus assassinatos, também vemos como se deu o despertar de cada uma dessas mulheres para a luta, após a perda de um ente querido para uma força maior de opressão uma busca por justiça.

Já no terceiro e último capítulo, **Uma história: duas mulheres, duas lutas e dois finais em um mesmo contexto**, passamos a entender como se deu o desenrolar da História dessas mulheres e mães, já as tendo como protagonistas de suas próprias das lutas, enfrentando abertamente a brutalidade ao seu redor. Cada qual com uma trajetória de vida diferente, que se diferem desde o tempo, o espaço e as formas de luta. Para encerrar este capítulo falamos do resultado que Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel tiveram em suas trajetórias de luta, diferentes e semelhantes, em seus contextos.

Portanto, se faz necessário todo esse estudo para se atingir o objetivo desta pesquisa, que é a compreender a visão feminina de duas mães na luta pelos seus

direitos durante a Ditadura Militar Brasileira, debatendo as semelhanças entre Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel e estabelecendo um paralelo entre as lutas travada pelas as duas mulheres, contribuindo para o estudo da luta feminina no Brasil.

CAPÍTULO 1

SITUANDO O ESTUDO SOBRE AS MÃES ZUZU ANGEL, ELIZABETH TEIXEIRA E A RESISTÊNCIA

Este estudo é a junção de duas histórias, que em alguns pontos se diferem, mas em especial se assemelham, nas trajetórias de vida de duas mães que sofreram duras perdas no seu âmbito familiar, sendo separadas de seus filhos durante a Ditadura Civil Militar Brasileira. Essas duas mulheres militaram em prol dos seus direitos e de outras pessoas. Sendo essas Elizabeth Altino Teixeira, viúva de João Pedro Teixeira conhecido líder da Liga Camponesa de Sapé e a estilista mineira Zuleika de Souza Netto, conhecida pelo seu nome artístico Zuzu Angel.

Sendo a primeira, viúva do conhecido Líder da Liga camponesa de Sapé, dona de casa, moradora e atuante na região Nordeste, vivendo numa classe baixa de trabalhadores rurais, já a segunda é estilista bem sucedida, de classe média/alta, residente na região Sudeste, atuante nos mercados nacionais e internacionais e inclusa nas mais altas rodas sociais do país. Ambas são mulheres que não se calaram e lutaram para se manter vivas e ativas na luta, uma paraibana líder do maior movimento em prol dos trabalhadores do campo e a outra uma mineira estilista consagrada nacionalmente e internacionalmente.

Duas mulheres que foram separadas a força dos filhos, duas mães que perderam pessoas importantes no seu âmbito familiar por causa da brutalidade do poder hierárquico e político que estavam em ação no Brasil, mais precisamente o regime civil militar brasileiro que trouxe inquietações políticas que afetaram diversos locais da sociedade.

1.1 A luta do campo e a queda da democracia no Brasil

O Brasil vivenciou no século XX um cenário conflituoso, que em dimensões menores não se diferencia do clima internacional, dentro de suas fronteiras ocorreu eventos históricos como a Revolução de 30, Estado Novo, Surgimento das Ligas Camponesas e a instauração da Ditadura Militar.

Durante a metade do século XX ocorre um crescimento da consciência de

classe, que entrou em vários segmentos da sociedade e dando surgimento a sindicatos, associações e diversas outras formas de movimentação. Durante o Estado Novo, que foi o governo autoritário de Getúlio Vargas que durou de 1937 a 1945, este movimento chegou nos trabalhadores do campo do país que iniciou um movimento rural com apoio do Partido Comunista do Brasil (PCB), exercendo um papel fundamental na articulação das Ligas Camponesas, com a intenção de trazer à tona a situação do povo do campo, buscando melhorias na forma de trabalho e consequentemente angariar um maior número de eleitores.

As Ligas Camponesas lutavam contra a estrutura de trabalho do campo já existentes na sociedade, herdada do período escravocrata do Brasil, após a abolição a mão de obra deixa de ser dos escravizados e passa a ser dos moradores. Na região nordeste após a abolição os escravizados permanecem nas terras dos seus antigos senhores, devido à falta de uma organização por parte da estrutura social, esta população não tinham uma rede de apoio e reinserção nos ambientes de trabalho, muito menos uma conscientização de seus direitos, mantendo-se dependentes economicamente e socialmente dos seus antigos senhores.

Com a derrubada do governo de Getúlio Vargas, a implantação de uma nova Constituição de 1946 o Brasil se alinhou em apoio aos Estados Unidos com o contexto internacional da Guerra Fria. Com estes acontecimentos as Ligas Camponesas foram silenciadas e o PCB passou a agir na ilegalidade, o povo do campo voltando a agir em 1954 com a Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco (SAPPP), que tinha o intuito de prestar assistência aos trabalhadores do campo com despesas essenciais, não demorou muito para a SAPPP ser acusada de pregar ideias socialista, por fim foi proibida de agir e dissolvida. A SAPPP ganhou muitos seguidores pelo nordeste do Brasil, sendo um dos movimentos que levaram a Luta do Campo a ser conhecida nacionalmente e internacionalmente.

O período posterior ao Estado Novo ficou conhecido como a Quarta República ou República Populista teve como governantes Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Café Filho, Carlos Luz, Nereu Ramos e Juscelino Kubitschek. Nos dois governos seguintes Jânio Quadros (1961) e do seu sucessor João Goulart (1961-1964), o país passa por uma instabilidade política, sendo o Brasil o maior país da América Latina, a possibilidade de se tornar comunista como seu vizinho Cuba levou que presidentes

dos Estados Unidos da América como John F. Kennedy e seu sucessor Lyndon B. Johnson, a não descartarem o apoio a qualquer manobra que cortaria essa possibilidade esquerdista, como enfatiza Carlos Fico:

“(...) a problemática cubana tornou simplesmente inadmissível para os Estados Unidos a hipótese de estabelecimento de um regime com qualquer pretensão esquerdista justamente no maior país da América do Sul, algo que ampliaria a órbita de influência comunista.” (FICO, 2008, p. 66)

O perigo da implantação do socialismo no Brasil e com o apoio dos EUA passa a ser utilizado como causa favorável a defesa da instauração de um regime militar por grupos militares. O Golpe de Estado de 1964 perpassou por eventos que se iniciaram em 31 de março com rebeliões e assumindo o controle total do país em 1º de abril, com o estabelecimento de um novo governo que teve como presidentes cinco generais e uma Junta Administrativa. Sendo eles Humberto Castelo Branco (1964-1967), Artur da Costa e Silva (1967-1969), Aurélio de Lira Tavares, Augusto Rademaker e Marcio de Sousa Melo formam a Junta Administrativa Provisória de 1969; Emílio Garrastazu Médici (1969-1974); Ernesto Geisel (1974-1979) e; João Figueiredo (1979-1985).

Período que durou 21 anos (1º de abril de 1964 à 15 de março de 1985), ficou conhecido posteriormente como a ditadura civil militar. Foi um regime de exceção, para a população do Brasil foi um período político em que passaram a não eleger mais seus governantes, em breve resumo, o regime de exceção sendo caracterizado principalmente pela suspensão temporária dos direitos e garantias constitucionais que leva um governo democrático se aproximar do autoritarismo. Nos anos em que o Brasil vivenciou o golpe civil militar foi promovida a caça a todos os que atentassem contra a moral e bons costumes, em especial aos integrantes de movimentos contrários à sua instauração da ditadura, junto com os movimentos de “esquerda”, entre estes estavam o PCB e as Ligas Camponesas que tiveram membros presos e mortos durante o regime.

É visível o aumento do uso de violência na América durante os anos 60 e 70 como consequência das ditaduras instaladas nesse mesmo período em vários países da América Latina, como diz Quadrat “a violência foi transformada numa arma política para alcançar o poder ou nele se manter.”(QUADRAT, 2008, p. 371). O Brasil durante a ditadura civil militar passou por 17 atos institucionais, sendo o AI-5 o mais duro que

podia suspender os direitos políticos dos cidadãos por até dez anos e aumentando o poder do presidente da república.

1.2 Fontes e falas na abordagem do objeto de estudo

Torna-se interessante analisar como cada uma destas mulheres reagiu a mudança no cenário político brasileiro e a dores a elas infringidas, é importante levar em consideração o ambiente social, econômico e cultural em que ambas estavam inseridas, utilizando fontes escritas, junto com produções cinematográficas e reportagens feitas sobre Zuzu Angel e Elizabeth Teixeira que traçam uma narrativa bibliográfica das mesmas. A fonte primária é o Livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho* da autora Virginia Valli, publicado em 1987 pela editora Record, e o segundo é a produção cinematográfica *Zuzu Angel* de 2006 do diretor Sergio Rezende. Já de Elizabeth Teixeira usarei o documentário *Cabra Marcado Para Morrer* de 1984 dirigido por Eduardo Coutinho junto com entrevistas dadas pela a mesma no decorrer dos anos que tratam o período estudado.

O uso de fontes escritas neste trabalho é o ponto inicial, para entendermos como funciona o estudo histórico e a literatura sobre o período histórico e o desenrolar da vida das mães estudadas. Para me auxiliar busco a leitura de Sandra Jatahy que discute em um de seus trabalhos a relação história e literatura como uma união possível para o se fazer pesquisa, ela diz: “(...) que a literatura é fonte de si mesma enquanto escrita de uma sensibilidade, enquanto registro, no tempo, das razões e sensibilidades dos homens em um certo momento da história.” (2006, p.7). Podemos então tirar disto a importância da literatura como fonte de estudo, já que da mesma traz detalhes que informam aquilo a partir das perguntas feitas pelo historiador.

Ambas as fontes são conglomeradas de narrativas tanto escritas como orais – obras cinematográficas — sobre as trajetórias percorridas por estas mães, a partir de cada uma destas narrativas será traçada uma linha que definirá se os fatos estudados de certa forma se diferenciam ou se separam em sua essência de mães dilaceradas pelo a Ditadura. Com base nesta abordagem no decorrer deste trabalho serão lançados questionamentos sobre as fontes, que possibilitem a descoberta de respostas ou novos questionamentos, sobre os estudos sobre a “subversão” e o

regime civil militar, entender os lugares sociais e aspectos culturais que ambas estavam inseridas, discutindo as semelhanças e diferenças entre os casos e estabelecendo um paralelo entre as lutas travadas por estas mães.

O trabalho está inserido no âmbito da História Social com interface direta com os estudos da Nova História Política, das relações de poder e das representações, como uma nova forma de estudar a história que se difere dos métodos utilizados pelos historiadores do século XIX e início do XX, que viam a história através do olhar dos grandes e heróis. Sendo a Nova História Política derivada da corrente historiográfica que veio a surgir nos anos de 1970 conhecida como Nova História trazida pela a terceira Geração da Escola dos Annales, que teve nomes como Jacques Le Goff e Pierre Nora.

A Nova História apresentou uma maior gama de temas, reformulando o fazer história e colocando sobre o holofote camadas e grupos da sociedade antes marginalizadas, trazendo um diálogo maior entre os campos de estudos como a História Cultural, estudos das representações, da literatura e da memória. Sendo a forma de diálogo entre o historiador que deveria se conectar melhor com seu tempo, percebendo através do marginalizados e sua cultura problematizando sobre os sujeitos em sua sociedade extraíndo uma fala fértil sobre memórias, imaginário e representações. Usarei da Nova História Política parra analisar a singularidade da vida de cada indivíduo a fim de entender a importância que cada um teve para a sociedade que o rodeia e como suas falas são fundamentais para a compreensão do que foi o Brasil no período ditatorial.

CAPÍTULO 2

APRESENTANDO AS MÃES VÍTIMAS DA OPRESSÃO POLÍTICA: QUEM FORAM ESTAS MÃES BRASILEIRAS

Zuzu Angel e Elizabeth Teixeira ambas foram vítimas e vivenciaram na pele as dores causadas pela Ditadura. Como foi dito anteriormente, é um período da história brasileira marcado pelo autoritarismo empregado pelos governantes, durante cinco mandatos militares que tiveram vários atos institucionais que legalizaram a censura, prisões e morte de opositores políticos. Durou do dia 1 de abril de 1964 ao dia 15 de março de 1985. Foram e são duas mulheres da História brasileira de extrema importância e que tem suas Histórias de vida sendo pouco exploradas pela mídia deste país. Serve de fonte de inspiração para diversas pessoas por serem ambas mulheres e mães fortes que sofreram com perseguições e percas dolorosas nas suas vidas que mudariam suas trajetórias, impulsionando ambas a fazerem mudanças e passarem a lutar com as armas que tinham disponíveis, contra as violências sociais que marcaram suas vidas antes e durante à Ditadura, dentro de suas realidades socioeconômica, políticas e culturais.

2.1 Elizabeth Teixeira – “A viúva” e a Herança Política

Elizabeth Altino Teixeira é uma paraibana, é a filha mais velha de Altina da Costa e Manoel Justino, donos de terras e comerciantes do município de Sapé. Nasceu no dia 13 de fevereiro de 1925 e viveu até os seus 15 anos na Fazenda Anta do Sono junto dos seus pais e oito irmãos. Sempre se mostrou interessada pelo o estudo, apoiada pela mãe que incentivava o apresso da filha pelos livros e a contragosto do pai a mesma estudou até o segundo ano do primário.

Conheceu João Pedro Teixeira enquanto fazia compras com seu pai, namoraram e se casaram em 1942 á contra gosto de seu pai, que segundo a mesma, nunca aceitou o seu marido que era um homem negro e pobre. Mostrando desde já a sua força ao lutar contra a sua família para seguir seus próprios passos, rompendo com a família, que para o período histórico que estava inserida era um ato grande de rebeldia. Após o casamento fugiram para Pernambuco, onde se instalaram no Sítio

Massangana e depois em Jaboaão, onde Pedro manteve vínculos com os movimentos dos trabalhadores, onde sofreu ameaças. Retornam para a Paraíba em 1954 fixando-se novamente em Sapé, onde o marido iniciou a primeira liga camponesa e foi assassinado em 2 de abril de 1962. Após este momento, Elizabeth Teixeira, então viúva e mãe de onze filhos, entra ativamente na Liga Camponesa assumindo a posição de líder antes ocupada por Pedro Teixeira.

2.1.1 O Nordeste comunista e a luta João Pedro Teixeira

A realidade do povo do campo no Brasil até meados da metade do século XX não apresentou uma mudança desde o período da abolição da escravidão em 1888. A abolição no estado da Paraíba, mais precisamente na Zona da Mata, não veio com a distribuição de terras como pretendiam os seus idealizadores, os antigos escravizados não tiveram outra opção a não ser manterem-se como trabalhadores dos antigos senhores e residirem nas suas terras (ANDRADE, 1986), trabalhando por meio de relações de pendência.

Esta forma de trabalho manteve os moradores, com um *status* de livres na forma da lei, mas na realidade eram submissos aos donos de terras. Os trabalhadores e suas famílias dependiam dos seus “patrões” de forma econômica, social e política. Na Paraíba, o espaço agrário do litoral era caracterizado pelo monopólio fundiário, monocultura canavieira e exploração do trabalho, os moradores eram maioria dos trabalhadores das usinas de cana-de-açúcar e engenhos.

O Brasil no final da década de 1950 e início de 1960, com a divulgação das notícias sobre a guerra fria, junto com o desenrolar da guerra do Vietnã e as imposições à Cuba, trouxeram à tona o temor da instauração do comunismo no Brasil e que isto piorasse os problemas já existentes no país. Ainda neste período a classe trabalhadora já caminhava para a organização de sindicatos ou inseriam-se em movimentos nacionalistas.

A classe trabalhadora rural estava passando por manifestações, no campo esse dialogo era em favor da reforma agrária e pela melhoria nas condições de trabalho e seus direitos trabalhistas. Na região Nordeste, em especial no litoral da Paraíba, a luta se intensificou devido a má distribuição e a desapropriação de terras

com o crescimento de produtividade da cana-de-açúcar.

De acordo com Fernando Antônio Azevêdo (1982) com a valorização do açúcar no mundo após a Segunda Guerra mundial, este que foi um conflito militar entre os Aliados e o Eixo que durou de 1939 até 1945, estimulou a produção de cana-de-açúcar pelos proprietários de terras. Conseqüentemente ocorreu desapropriação das terras ocupadas por moradores para a ampliação do cultivo, quebrando o vínculo existente os trabalhadores e patrões, o que desencadeou em desvantagens para os moradores que iam da “proibição pura e simples do sítio ou roçado e da criação de animais até ao aumento constante do foro e as pressões diretas e violentas, como a destruição das lavouras brancas pelos capangas dos engenhos e usinas” (AZEVEDO, 1982, p. 51)

Neste contexto temos João Pedro Teixeira, já vindo de experiências com a luta de trabalhadores, na sua passagem por Massangana- PE nos anos de 1942 à 1944, envolvendo-se com a luta dos operários da pedreira onde se destacou como líder, organizou reuniões com trabalhadores e criou o Sindicato dos Operários. O seu envolvimento seguiu-se de perseguições, como a dificuldade em conseguir empregos que gerou em dificuldades para manter sua família. Em 1954 após as condições se tornarem críticas e João Pedro sofrer ameaças, o pai de Elizabeth oferece que a família se mude para as suas terras em Sapé/PB.

Já em Sapé, João Pedro não se afastou das questões da luta dos trabalhadores, devido ao seu contato com o Partido Comunista quando trabalhava em pedreiras em Pernambuco, lhe servindo para a articulação da Liga Camponesa. Em fevereiro de 1958 foi registrado em cartório com o nome de Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé, o que se tornou o centro do movimento camponês do estado.

Elizabeth Teixeira, na citação abaixo lembra do modo como seu marido encontrou para mobilizar o povo do campo sobre a necessidade de lutar pelos seus direitos.

Para João Pedro, não foi fácil organizar o homem do campo. Todo mundo tem conhecimento de como era a situação do campo naquelas épocas de 1954, 1958, até 1962, quando ele foi assassinado. Não era fácil para João Pedro porque o homem do campo acreditava que tinha nascido para sobreviver sendo escravo do patrão. Então, para colocar na cabeça dele que ele não era escravo, que ele morava ali, que trabalhava ali e que tinha os seus direitos, não foi fácil. (BANDEIRA, 2012, p.67 apud ALVES, 2017, p. 5)

Vemos que a Liga Camponesa de Sapé teve uma preocupação em dar assistência aos homens do campo, levando-os a compreender que estavam sobre a exploração causada pelos proprietários de terra, os conscientizando sobre a opressão e a importância da união.

2.1.2 Morte, violência e injustiça

O surgimento das Ligas Camponesas na Paraíba não deixou satisfeitos os donos de terras, que resultou em represálias violentas contra os trabalhadores. Segundo Paulo G. A. Nunes (2014) os latifundiários fizeram uso de duas formas para intimidação: persuasão, que envolvia intimidação por meio dos militares á ameaças de expulsão das terras, mudança de localidade, agressão e morte; e a outra que foi uso efetivo da violência, que foi de fato a prisão, espancamento, destruição de residências e assassinato de lideranças.

Com João Pedro Teixeira não foi diferente, o mesmo foi diversas vezes ameaçado de morte pelos grandes latifundiários por ter incitado no povo do campo a vontade de lutar por seus direitos. Não demorou muito para colocarem fim na voz do Líder da Liga, João Pedro foi morto enquanto regressava a sua casa após participar de uma reunião com advogados em João Pessoa, capital do estado da Paraíba.

O crime ganhou repercussão nacional, o líder camponês foi emboscado e levou três tiros nas costas no dia 2 de abril de 1962, após descer do ônibus, na BR-230, que fica entre Café do Vento e Sapé, enquanto seguia caminhando em direção a sua casa. O crime foi encomendado por um grupo de latifundiários conhecidos por “Grupo da Várzea”, sendo acusado como mandante Aguinaldo Veloso Borges, que na época da morte ocupava a posição de sexto suplente de deputado estadual, que com o apoio de outro deputado assumiu o mandato e assim passou a ter imunidade parlamentar.

Apesar da repercussão do crime na imprensa da época os culpados não receberam punição, assim como o caso de Stuart Angel que será apresentado a seguir, que devido à falta de respostas desencadeou a busca promovida por sua mãe Zuzu Angel, que ao contrário de Elizabeth e seu marido, a estilista vivia à margem das discussões políticas, sendo pouco afetada com a implantação do governo militar, de

certa forma permanecia ignorante às mobilizações em prol de mudanças na sociedade.

2.2 Zuzu Angel – A estilista e a Busca Incansável por Justiça

Nascida no estado de Minas Gerais no ano de 1921, com o nome de Zuleika de Souza Netto, que ficou posteriormente conhecida pelo nome de Zuzu Angel, após se casar com estadunidense Normam Angel Jones, adotando então o sobrenome do marido. Fruto desde casamento nasceram seus três filhos, Stuart Angel Jones, Hildegard Angel Jones e Ana Cristina Angel Jones.

A partir de 1957 a mineira passa a vender suas costuras e a utilizar o nome de Zuzu Angel, uma abreviação do seu nome real, firmando-se como profissional durante o governo de presidente Juscelino Kubitschek, a estilista sendo responsável por algumas das roupas usadas pela primeira-dama Sarah Kubitschek. Em 1960, já residindo no Rio de Janeiro, chega ao fim o seu casamento com Normam e para sustentar sua família a costureira/estilista faz uso de seu trabalho, no final dessa mesma década, Zuzu ganha reconhecimento nacional e internacional com sua moda genuinamente brasileira.

Zuzu viveu na década de 60, em uma sociedade urbana, mais precisamente na Região do Sul do Brasil, onde teve contato com uma parcela da sociedade de classe média alta, e vivenciou a ganhada de autonomia feminina. Sendo a mesma uma mulher divorciada, mãe solo e proprietária de uma marca de roupa emergente no mercado.

Sendo na década de 1960 que começa a surgir no ocidente uma mulher mais participativa na sociedade, no Brasil foi aprovada, em 27 de agosto de 1962, a Lei nº 4.212/1962 onde mulheres casadas não precisavam mais da autorização do marido para trabalhar, ainda ficou previsto o direito à herança e de pedir a guarda dos filhos em caso de separação. No mesmo ano, ocorreu a liberação dos anticoncepcionais femininos, mais um marco para autonomia feminina. Como vemos Thábaud através de Ilane Ferreira Cavalcante, que ocorre uma mudança no local da mulher na sociedade, indo para além da atividade doméstica e se transformando em um ser autônomo, afirmando que:

Em todos estes processos, e particularmente na conquista de autonomia política e simbólica - o afirmar “nós, as mulheres” o feminismo, ou antes, os feminismos dos anos sessenta e setenta desempenharam um papel essencial, impondo a feminilidade como categoria fundamental da identificação política e organizando-se como espaço autônomo, onde podiam operar-se a sua desconstrução e a sua reconstrução (THÉBAUD, 1991, p. 19/20 apud CAVALCANTE, 2011, p. 97).

Neste mesmo período em que as mulheres começam a ganhar autonomia, o Brasil passa por tensões no meio político, com os governos de Jânio Quadros e do seu sucessor João Goulart, acabando por ser implementado um golpe militar de 1964.

2.2.1 Stuart, um filho rebelde inserido nos movimentos estudantis

Durante o governo ditatorial no Brasil grupos de oposição surgiram e se faziam presentes sobre os holofotes ou nos bastidores, e os dirigentes passaram a se manifestar contra os opositores diminuindo e deslegitimando suas ações através de seus atos institucionais e por fim o confronto, prisões, sequestros, torturas e mortes de manifestantes. Maria Helena Moreira (1984) enfatiza que através do governo de Costa e Silva e o Ato Institucional N°5 (AI-5), em 1968, trouxe à tona uma nova fase de repressão e devido a isto os grupos de oposição perceberam que a luta armada era necessária.

Seguindo esse mesmo rumo é visto que a luta armada não foi apenas uma via contra a ditadura militar usada apenas no Brasil, e sim vivenciada em outros países da América latina sendo vista em todo o globo. A frente armada na maioria das vezes encabeçada pela juventude universitária, como aponta Maria Paula Araújo “A grande maioria dos quadros dessas organizações armadas era formada por jovens, muitos deles egressos ou recém-saídos dos bancos universitários.” (ALVES, 1984, pag.249), que seguiam em busca de uma política mais justa e não acreditavam mais nas visões dos partidos de esquerda, como o PCB no Brasil.

Este é o caso do MR-8 (Movimento Revolucionário Oito de Outubro) e do próprio Stuart que se juntou ao movimento em torno do ano de 1967, ainda na universidade, na qual cursava economia, atuava primeiramente como propagador das ideias marxistas, segundo o Serviço Nacional de Informações – SNI(NACIONAL, pag.07), ainda quando o MR-8 se denominava Dissidência Estudantil do Partido

Comunista da Guanabara.

O MR-8 que foi um grupo de ideais comunistas que faziam uso da luta armada durante o período da ditadura militar, formado no Estado do Rio de Janeiro em 1966, quando um grupo de membros do PCB formado em sua maioria de estudantes, que discordavam da linha pacífica defendida pelo Partido. Ficando conhecido por organizar a passeata dos Cem Mil, realizado em 26 de junho de 1968, no Rio de Janeiro e pelo sequestro do embaixador americano em 1969 junto com ALN (Ação Libertadora Nacional).

O destino de Stuart não foi diferente dos demais jovens que se inseriram na luta contra ditadura civil militar brasileira, assim não demorou muito para que entrasse para frente armada da organização no ano de 1969, já que o mesmo atuava como um dos dirigentes, trabalhando na “Coordenação Nacional” e na “Coordenação Urbana”. Segundo os dados do Arquivo Nacional, Stuart participou de 16 ações armadas, dentre estas o sequestro do embaixador norte-americano em 1969. Sendo julgado posteriormente como vemos na reportagem do Jornal *Folha De São Paulo*, (Figura 1).

O jornal *Folha de São Paulo* é um popular jornal diário, conhecido no eixo Rio-São Paulo, portanto um dos jornais que mais circulavam pela a população, o mesmo não negou em suas páginas o apoio ao conservadorismo e o movimento que ocasionou a queda do Governo do Presidente João Goulart e a instauração de um regime civil militar. Sendo um dos poucos que não sofreram com censuras impostas pelo regime, sendo internamente na sua redação a exclusão de conteúdos que infligiam as pautas do Governo (AQUINO, 1999, p.38.).

Com a vinda em 1971 de Carlos Lamarca, conhecido líder da oposição armada, para o MR-8 aumenta o monitoramento por parte dos militares ao grupo, levando em 12 de maio do mesmo ano o companheiro Alex Polari de Alverga a prisão, o mesmo é torturado em busca de informações sobre o grupo de Lamarca. É retirado de Alex a informação de um encontro que o mesmo tinha marcado com Stuart, no entanto, Polari foi usado como isca para a captura dois dias depois, 14 de maio de 1971, do filho da estilista Zuzu Angel.

Figura 1 - Julgamento dos assaltantes da distribuidora Ideal no Rio de Janeiro



Fonte: Folha De S. Paulo. Disponível em: <https://tinyurl.com/2xxfbye2>

2.2.2 O desaparecimento e a morte de um filho

O caso de Stuart Angel não foi diferente de outros jovens neste mesmo período no Brasil, a luta armada jovem não teve uma vida útil longa, ocorreu uma repressão acirrada do governo militar em cima dessas frentes de oposição e acabou por deixar rastros dolorosos na história nacional. Como afirma Maria Paula Araujo “Entre 1969 e 1972, a maioria das organizações foi desbaratada, os militantes presos, mortos, exilados, banidos.” (2008, p.270).

Preso em 14 de maio de 1971 no Rio de Janeiro, foi negado pelos militares brasileiros que Stuart Angel Jones estava sobre sua tutela e posteriormente com sua morte em 14 de julho de 1971, aos 25 anos, manteve-se o silêncio sobre seu paradeiro. Dois militantes Alex Polari de Alverga e Maria Cristina de Oliveira Ferreira (CNV, 2014, pag. 319-320) que estiveram presos no Centro de Informações da

Aeronáutica (CISA) relataram que os agentes os apresentaram um documento com a foto de Stuart com o nome de “Paulo”, codinome de Stuart, questionaram se o conheciam, e na mesma noite ouviram um homem sendo torturado, que foi associado a Stuart. Os dois declaram que além de torturado com sessões de espancamento e no famigerado pau-de-arara, o jovem Angel foi arrastado amarrado ao cano de escapamento de um jipe pelo pátio da Base Aérea do Galeão, o que levou a sua morte devido aos ferimentos e a inalação de monóxido de carbono. Morrendo entre o dia 14 e o dia 15 de maio de 1971.

As declarações de ambos estão no Relatório da Comissão Nacional da Verdade, que segue o modelo das Comissões da Verdade que são órgãos temporários criados para investigar possíveis violações dos Direitos Humanos em um período da história de uma país, em sua maioria investigam um período que envolveu um regime autoritário. Como foi o caso do Brasil, que em 2011, através da Lei 12.528, foi criada a Comissão Nacional da Verdade (CNV) e foi instalada em 16 de maio de 2012, que teve o objetivo de investigar os crimes cometidos por agente que representavam o Estado entre os anos de 1946 a 1988.

Zuzu Angel descobriu da morte do seu filho através da carta de Alex Pollari de Alverga, disponível no Instituto Zuzu Angel, onde o militante relata como se deu a prisão e a morte de Stuart Angel Jones nas dependências do CISA, se torna, portanto, o primeiro documento que atestava a morte do filho da estilista. Depois desta confirmação da morte de seu filho, Zuzu passa a se debruçar em busca de denunciar os abusos que ocorriam no Brasil durante a Ditadura Militar, para isso ela não contou esforços. Assim, apresentado o contexto de atuação de Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel na busca por respostas e justiça, deixaremos que suas histórias de luta apareçam mais pontualmente no capítulo a seguir.

CAPITULO 3

UMA HISTÓRIA: DUAS MULHERES, DUAS LUTAS E DOIS FINAIS EM UM MESMO CONTEXTO

Zuzu Angel e Elizabeth Teixeira são mulheres com papéis importantes para a história recente da política e da sociedade do país, como já apresentado nos capítulos anteriores deste trabalho. Ambas foram mulheres e mães que enfrentaram tempos conturbados de ausência da democracia do Brasil, onde partiram em busca de seus direitos e de outras pessoas, buscando justiça.

Através de Luzia Margareth Rago em citação direta do estudioso Michel Foucault, descreve mulheres como seres de atitudes admiráveis pela coragem de enfrentar e falar sem medo dos custos, as mesmas estão seguras de suas verdades extrapolando qualquer limite que a separem de um resultado positivo a sua luta.

Guardião universal, ele deve cuidar de todos, de todos os que são casados, de todos os que têm filhos. Ele deve observar aqueles que tratam bem suas mulheres e os que as tratam mal, ver 'quais são as pessoas que têm diferenças entre si, quais são as casas que desfrutam da paz ou que não a desfrutam (FOUCAULT, 2009, p. 277 apud RAGO, 2016, p. 120).

A chave deste capítulo é entender como ocorreu o desenrolar das lutas dessas mulheres, após a perda de um ente querido para uma força maior de opressão e como enfrentaram abertamente a brutalidade ao seu redor que modificaram suas vidas e suas consciências políticas. Cada qual com uma trajetória de vida diferente, que se diferem desde o tempo, o espaço e as formas de luta.

3.1 Tempo e Espaços de Luta

Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel vivenciaram em espaços físico e sociais diferentes durante as décadas de 1960 e 1970, sendo anos que contemplaram o surgimento os movimentos agrários no Nordeste do país e os “anos de chumbo” com o período de milagre econômico e a instauração do governo militar.

Ambas foram mulheres e mães que ingressaram em uma luta contra o sistema vigente, em busca por melhorias em suas perspectivas realidades. Quebrando com o era esperado para a figura feminina, sendo historicamente representada pelo

masculino, dependente do patriarcado e da figura paterna (PATEMAN, 1995).

Pensando na pessoa de Elizabeth Teixeira, vemos que a mesma estava inserida em uma realidade pobre e rural da região nordeste, dona de casa e mãe de onze filhos. Com base nesta breve descrição, vemos Elizabeth desempenhando plenamente o papel imposto a mulher pelo casamento, como diz Pateman (1995), com base no contrato sexual à mulher casada era esperado que permanecessem disponível para cuidar do lar, família e do seu marido.

Mesmo se encaixando nas definições de uma mulher casada, já vimos no decorrer desta pesquisa que Elizabeth Teixeira foi uma mulher rebelde, podemos comprovar a sua bravura quando renegou o seus pais e família bem estabelecida na sociedade. A mesma afirma que “ninguém da minha família aceitou o casamento” (2006, pág.21), apesar da desaprovação continuou firme com João Pedro Teixeira, um camponês pobre e preto, fugindo para Recife e contraindo casamento.

Anos depois de sua fuga regressa a convite do pai para a sua cidade natal Sapé/PB. Elizabeth manteve-se sempre ao lado do esposo, acompanhou de perto quando o mesmo iniciou as conversas com outros camponeses sobre as suas condições de trabalho. Essas pequenas conversas seriam o que levaria ao surgimento da Liga Camponesa de Sapé, como vemos no relato de Elizabeth para Seminário Memória Camponesa de 2006.

Ele chegava em casa e falava para mim que a vida do trabalhador do campo, dos engenhos, das fazendas é tão difícil, que chegava o momento de muitos pais verem seus filhinhos morrer de fome. Então, ele convidava aqueles trabalhadores para virem até a nossa casa, conversar com ele, do Engenho Anta, do Engenho Melancia, do Engenho Sapucaia, Engenho Marau e de outras fazendas. Conversavam com ele, e chegou o momento dele fundar a Liga Camponesa em Sapé, que foi fundada por João Pedro Teixeira em 58 (TEIXEIRA, 2006, p. 21-22).

Como dito anteriormente as Ligas foram organizações não governamentais com a intenção de unir os trabalhadores rurais que defendiam uma reforma agrária. Devido ao período histórico que vivenciava o mundo, que se recuperava do terror da Segunda Guerra Mundial que colocava os ideais socialistas como um terror para a sociedade, sendo esses movimentos associados ao socialismo e desprezados. Elizabeth vivenciou a criação da Liga Camponesa de Sapé, que teve como um dos fundadores o seu marido João Pedro Teixeira no ano de 1958. Recebeu em sua casa as primeiras reuniões dos trabalhadores rurais da região, como a mesma narra como

era o dia-a-dia com o marido durante o Seminário Memória Camponesa de 2006. Esse seminário ocorreu nos dias 28 e 29 de abril na Assembleia Legislativa em João Pessoa, sendo coordenado por Genaro Ieno (UFPB), Belarmino Mariano Neto (UEPB), entre outros, que reuniu sujeitos importantes para os movimentos dos direitos dos trabalhadores rurais.

Já Zuzu Angel carregava consigo uma trajetória em alguns aspectos diferente de Elizabeth, sendo também uma mãe, dona de casa, mas também era empreendedora e residente do Rio de Janeiro - RJ. Sendo a região Sudeste o alvo da migração interna, recebendo trabalhadores de outras regiões que seguiam em busca de empregos, devido ao desenvolvimento econômico do Sudeste que se consolidou no século XX, quando esta região brasileira se industrializou. Angel, em algum grau impulsionada pelo desenvolvimento econômico da região, passou a viver para além do lar, saindo do ciclo privado e adentrando no ciclo público, desempenhando um papel de empreendedora, sendo este o seu traço de rebeldia.

Essa rebeldia mantinha-se no âmbito do trabalho, já que antes do desaparecimento de Stuart Angel, Zuzu Angel não apresentava ser uma pessoa ligada à situação política ou ao menos ter conhecimento dos problemas sociais vividos no que Brasil após o golpe de 1964. Já Stuart, ao contrário da mãe, participava ativamente da luta contra o governo militar. Hildegard Angel, segunda filha da estilista, descreve como a prisão do irmão em 1971 mudou a mãe, que segundo ela “não era uma radical, nem de direita nem de esquerda, mas o desaparecimento do meu irmão tornou-a uma anti-militarista ferrenha.” (ANGEL, 1987, p.21).

Zuzu Angel durante o período da prisão e desaparecimento do seu filho Stuart Angel, se vê em um círculo social em que discussões sobre a violência militar não eram comuns, e acabava por buscar nos jornais alguma fala que fizesse sentido a situação que vivenciava e sobre a política do Brasil. Em um compilado de textos escritos pela própria Zuzu Angel, organizados e publicados junto ao livro de Virginia Valli, a estilista fala sobre os jornais, e diz o seguinte: “o tempo que me sobra do trabalho, fico fuçando nos jornais. Lendo nas entrelinhas. Esses jornais brasileiros não dão nada” (ANGEL, 1987, p.36), deixando clara a sua insatisfação. Por causa da censura não se encontrava nos jornais ou qualquer outro meio de comunicação da época notícias que remetessem ao desaparecimento de Stuart ou de qualquer outro

militante político, o que tornava o momento ainda mais angustiante para a estilista.

Zuzu Angel vinha ganhando notoriedade na sociedade e tinha aparições em Jornais através de suas conquistas no mundo da moda como designer e empresária, em 1968, três anos antes do desaparecimento/prisão de seu filho Stuart Angel, Zuzu conquistava com outras 9 mulheres um diploma por promover o envolvimento da mulher com relação ao desenvolvimento nacional do Conselho Nacional de Mulheres como foi noticiado pelo jornal *Correio da Manhã* – RJ, (Figura 2). E no ano seguinte, nas páginas da sessão "*Balaio*" fala das pretensões de Zuzu apresentar uma coleção focada no público estadunidense em 1970, (Figura 3).

O jornal *Correio da Manhã* foi um dos jornais impressos mais imponentes tendo uma alta circulação no Rio de Janeiro no período das décadas que abrangeram os acontecimentos, como maioria dos Jornais do eixo Rio – São Paulo defendeu a deposição do presidente João Goulart em 1964 e conseqüentemente a instauração do regime civil militar, mas sofreu uma reviravolta nos seus ideais defendidos e passou a ir contra a ditadura, o que ocasionou na prisão de muitos de seus funcionários.

Figura 2 - Homenagem as 10 mulheres que promoveram o desenvolvimento nacional, 1968. *Correio da Manhã* – RJ.



Fonte: Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional

Figura 3 - Balaio - Nota sobre Zuzu Angel trabalhar em uma coleção internacional. *Correio da*

Manhã - RJ.



Fonte: Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional

A falta de conhecimento sobre os problemas sociais e políticos por parte da estilista é destacado por ela mesma em uma passagem dos manuscritos da sua autobiografia, onde é possível ver o despertar para o que acontecia a sua volta.

E eu tenho que sofrer? E meu filho? Morto na tortura? Isto acontecendo no Brasil desde 1964? Eu, na minha santa ignorância. Fazendo moda, vestidinho com flor e passarinho. Moda alegre, descontraída, moda e liberdade [...] será que isto é comigo? Como pode ser que há esta guerra no Brasil. Brasileiro contra brasileiro. E eu tenho que entrar nela (ANGEL, 1987, p. 35).

Podemos então dizer que o ponto de mudança e de conscientização política de Zuzu Angel foi o desaparecimento e morte do seu filho Stuart. Já no caso de Elizabeth Teixeira, a sua a conscientização política pode ser classificada como processo gradativo.

Elizabeth em uma fala para o Seminário Memória Camponesa, descreve que o João Pedro tinha ciência de que sua vida seria cessada pelos seus inimigos, chegando a desabafar para a esposa as suas preocupações de como ficaria a sua família e a luta pelos direitos do trabalhador do campo.

Tinha momentos em que ele chegava em casa e me abraçava, ficava abraçado comigo e dizia que iam tirar a vida dele e os nossos filhinhos ficavam todos chorando, em volta dele e de mim, e quando tirassem a vida dele, se eu assumia o lugar dele na Liga Camponesa. Eu sempre ficava calada, nunca tive resposta para dar a João Pedro porque com os nossos filhos, nós tínhamos muitos filhos, quando ele foi assassinado eu fiquei com 11 filhos e era difícil. (TEIXEIRA, 2006, p. 22)

Após o assassinato do seu marido em 1962, Elizabeth assumiu a liderança da Liga de Sapé com 37 anos de idade e 11 filhos pequenos. Mesmo que em sua fala anterior tenha mantido a proposta do marido de assumir a liderança da Liga de Sapé após a sua morte sem uma resposta, a viúva após o assassinato de João Pedro ficou com o seu posto de liderança. Anos depois em sua entrevista para o filme *Cabra*

Marcado para Morrer diz o seguinte sobre sua decisão: “E substitui, e trabalhava autêntica e na minha luta protestar sobre o assassinato de João Pedro. E não só de João Pedro como de todos os companheiros que tombaram.” (TEIXEIRA, 1984).

3.1.1 Formas de Lutas

As lutas dessas duas mulheres, Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel, de exporem suas dores vão além de trazerem à tona questões de suas vivências pessoais, demonstram serem mulheres e mães implacáveis em suas lutas. Com base na leitura do artigo de Vanderlei Machado sobre os pais de militantes, vemos que as mães divergem dos pais, onde para atuarem na linha de frente, estas romperam com um local predefinido na sociedade que é vinculado ao âmbito privado, na busca de uma defesa dos direitos de seus entes queridos que se tornaram vítimas da violência (2013, p.186). Elizabeth e Zuzu se encaixam perfeitamente no que Machado fala, ambas tornam a sua dor pessoal em uma luta incansável por justiça, que se estende para o âmbito público.

Vemos que Elizabeth Teixeira assumiu em sua trajetória não somente a posição de mãe que já lhe era esperada, como também a de militante se direcionando para linha de frente e assumindo o papel que antes pertencia ao seu marido. A iniciação de Elizabeth na luta se dá pela dor, para manter a voz de Pedro Teixeira ainda ativa, transmitindo através dela os ideais que viu o seu marido defender durante a sua vida.

Em um relato coletado por Antônia Maria Van Ham, temos a fala de Ana Justina de Oliveira que presenciou um dos comícios promovidos pelos militantes das Ligas Camponesas, é visto como Elizabeth Teixeira era ativa em sua luta, como não desmontava medo apesar de relatar as ameaças que sofria e trazendo seus filhos com sigilo para falar das suas dores, comovendo a todos ao seu redor.

A gente, quando chegava lá, fazia a carreata (passeata), muita gente, que era do lado dela. Ia aquela procissão... muita gente... Aí, chegava lá, ela começava a fazer aquele comício. Ela e os filhos falavam, tudinho, tinham que falar, gritavam mesmo, sem medo. Elisabeth nunca teve medo de nada. Ela subia em cima da cruz... e falava a bem da morte do marido dela. Eu mesma ficava com os olhos cheios d'água. Eu e minha prima (a gente) ficava, assim, pensando: como é que uma mulher daquela com tanto menino ficava com esses meninos todos, para sustentar tudinho? E mais: os policiais querendo matar ela. Ela vivia... ela não tinha medo de morrer, não. Porque

ela contou para a gente que estava dentro de casa, estava deitada, e bateram na porta: “Vem para a porta, Elisabeth, para tu morrer”. (VAN HAM, 2006, p. 45)

Por assumir diversas posições como a de mãe e militante, em muitos casos a mesma deixou de lado o pessoal para lutar por causas das dores alheias, ocupando espaços antes pertencentes ao masculino, sendo criticada na maioria das vezes e em outras como o relato acima trouxe mais empatia daqueles que a ouviam, em sua maioria mulheres que se enxergavam em sua posição. Como Gizelda Ferreira do Nascimento Lima (2014, p.44) discorre sobre como Elisabeth se transformou como o contato mais próximo das ideologias dos militantes do campo e aprendeu com os embates de pensamentos divergentes, criando a sua própria identidade e tomando rumos que lhe permitiram se manter na posição de liderança de um movimento tão grande. Divergindo do modelo existente historicamente de homens solteiros que ocupam o lugar de liderança em revoluções, Elisabeth trouxe para Liga um ar de radical ao movimento, com a sua liderança ocorre a intensificação nos confrontos entre trabalhadores e donos de terra, essa radicalização na Liga é narrada no relato de Severino Guilhermino de Souza colhido por Van Ham, que diz o seguinte: “Mas, quando houve a morte de João Pedro Teixeira, veio a revolta. Com Elisabeth... Só que esquentou a luta, porque aí era mais duro, a prática dela e os outros que acompanhavam.” (2006, p. 357)

Mais essa posição de liderança não veio em paz, no relato acima que Elisabeth sofreu com ameaças constantes e prisões. Em trecho do filme *Cabra marcado para morrer* a mesma relatar uma de suas prisões, quando sua casa foi cercada de policiais e ameaçarem a atirarem em seus pés para amedrontar antes de levarem presas.

Eu também cheguei ao ponto de ir presa, também “num” foi com um “puliça”, nem dois, nem três, “nam”. Chegar e mais atirar em meus pés, atirar em meus pés, mas não atiraram e não parei a marcha que ia (TEIXEIRA, 1984)

A dor de Elisabeth não cessou com a morte do marido, em uma citação abaixo vemos uma fala a líder camponesa narra dois fatos marcantes na sua família, que mostra a força a mesma teve ao suportar durante a sua trajetória:

Ela mandou comprar veneno, ingeriu veneno com mel de engenho, tomou e morreu. (...) Quando eu cheguei em casa ela já estava passando mal, passando mal com o veneno que tinha tomado. (...) A minha filha morreu. Antes de acontecer isso, já tinha acontecido um tiro na cabeça do meu filho Paulo Pedro Teixeira, com dez anos (TEIXEIRA, 2006, p.23)

Em ordem cronológica aconteceu primeiro o atentado ao seu filho Paulo Pedro com apenas meses da morte de João Pedro, a criança foi baleada na cabeça próximo a sua casa, que acaba como um crime nunca esclarecido pelas autoridades. E o outro decorreu durante uma de suas prisões, quando a sua filha mais velha Marlúcia comete suicídio por meio de envenenamento, ao retornar para casa Elizabeth encontra sua filha a beira da morte. Perdendo ao total três de seus onze filhos para a crueldade da luta que vivia.

Elizabeth Teixeira participou de um comício nos primeiros dias de 1964, em comemoração da fundação do Sindicato de Trabalhadores Rurais de São Miguel de Taipu/PB, uma cidade próxima de Sapé, enquanto gravava o filme *Cabra Marcado para Morrer* sobre a vida de João Pedro Teixeira. Duas semanas após ocorrer um confronto perto de Sapé que impediu as filmagens do filme.

Ainda no começo de 1964 recomeça as gravações em Galileia/PE, que são interrompidos de 31 de março do mesmo ano pelo exército, já sobre influência do golpe militar que estava prestes a estourar no país, desejavam prender todas as pessoas responsáveis pelo filme e apreender os equipamentos. Para escaparem da prisão os atores e produção, incluindo Elizabeth Teixeira, se esconderam no mato enquanto o exército revistava a casa usada nas filmagens, recolhendo no local os equipamentos como também os rolos das filmagens, recebendo o nome de “material subversivo”. Cinco funcionários da equipe e três camponeses foram presos.

Após este fato, Elizabeth se entregou para as autoridades da Paraíba, sendo solta após quatro meses de prisão. Após este fato procurou abrigo na casa dos pais, onde a mesma relata não ter recebido apoio, ouvindo a seguinte frase do pai:

Quando eu cheguei à casa de meu pai, meu pai disse: “aqui você não pode ficar. Você tem esse menino que é a cara de João Pedro, ninguém quer, nem eu quero nem a família quer. Você, para onde for, pode levar. Tem um carro aí, um motorista, leva você para onde você quiser, aqui você não fica”. (TEIXEIRA, 2006, p.24)

Seus filhos foram divididos entre os familiares, permanecendo com ela somente o filho mais novo busca ajuda de um companheiro de luta, Manoel Serafim simpatizante do Partido Comunista, que a levou e instalou em São Rafael, cidade do interior do estado de Rio Grande do Norte, onde assumiu o nome Marta Maria da Costa e ficou escondida por mais de 10 anos até ser localizada durante o governo do presidente João Figueiredo pela equipe do filme que resolveram finalizar as

gravações, e entrevistar as pessoas que estavam envolvidas nas gravações, após a recuperação de parte das filmagens feitas em 1964.

Já a estilista Zuzu Angel durante o período da prisão e desaparecimento do seu filho Stuart Angel, se vê em círculo social em que discussões sobre a violência militar não eram comuns, e acabava por buscar nos jornais alguma fala que fizesse sentido a situação que vivenciava e sobre a política do Brasil.

No final do ano de 1971, Zuzu Angel apresentou a sua terceira coleção internacional denominada de International Dateline Collection III, o desfile aconteceu na casa do Consulado Brasileiro na cidade de Nova York. Temos com essa coleção o primeiro desfile de moda política, sendo um reflexo da mudança na forma de denunciar os atos da ditadura brasileira e de desviar a censura (ANDRADE, 2009).

O desfile saiu da estética usada anteriormente em suas criações, que ficou conhecida por seus bordados, estampas coloridas e ilustrações de flores e passarinhos, descrita pela própria Zuzu como uma "Moda alegre, descontraída. Moda e liberdade." (ANGEL, 1987, p.34). A Coleção International Dateline Collection III engrena nas experiências vivenciadas pela estilista em sua vida pessoal durante a década de 1960, trazendo à tona a mudança nos bordados que mostravam grades, anjos e entre outros que tinham um cunho de protesto/denúncia das ações do regime civil militar que é explicado Priscila Andrade:

O regime militar era o responsável pelas crueldades denunciadas e, por isso, foram representadas as três forças armadas, através dos uniformes e quepes dos soldadinhos, e pelos aviões, tanques, jipes e navios. E, quem sabe, os tambores não seriam uma referência às bandas militares? O sol aparece atrás de grades ou quadrado, em referência à maneira popular de expressar a vida na prisão. (2006, p. 4)

Na International Dateline Collection III a estilista declara sua guerra aos atos violentos promovidos pelos os militares, deixando em sua autobiografia a seguinte frase: "(...) anunciarei ao mundo, através da minha moda, o que está acontecendo no Brasil. Se for necessário. É esta a minha arma." (1987, p. 53). Aproveitando-se da repercussão do seu desfile, os seus amigos e da nacionalidade estadunidense do seu ex-marido para dá continuidade à sua busca por informações sobre Stuart. Zuzu não teve êxito em seu plano, e vemos seu descontentamento na seguinte frase:

Não sei porque eu imaginava que com esse escândalo do meu desfile alguma coisa ia acontecer. O mistério acabava. Mas não havia mais mistério, a não ser a própria morte. É que eu tinha muitos amigos lá na América que admiravam meu trabalho. Achei que o prestígio de toda essa gente me

apoiando ia abrir a boca dos militares. Engano! Nada podia abri-la. (1987, p.50)

Apesar de todo o prestígio conquistado por Angel e seus esforços em denunciar as crueldades impostas pelos militares em sua nova coleção, não se teve a repercussão esperada na mídia brasileira e não recebeu uma resposta do governo sobre o seu filho. A notícia do desfile da International Dateline Collection III esteve presente nos jornais brasileiros, mas devido a censura imposta aos meios de comunicação não teve menção ao caráter político das peças.

Os dois desfiles que sucederam a Terceira coleção da estilista mantiveram o caráter político, ainda em 1972 acontece a apresentação da International Dateline Collection IV – The Helpless Angel no Gotham Hotel, em Nova York e a International Dateline Collection V – “Nova Mulher” é lançada, no Brasil e em Nova York no mesmo ano.

O jornal *Folha de São Paulo* noticiou nas páginas da Coluna Social o desfile da quarta coleção internacional de Zuzu Angel em Nova York (Figura 4), o *Jornal do Brasil* encontrasse no caderno B uma reportagem que trata ambas as coleções (Figura 5), dando ênfase a quinta coleção da estilista brasileira e o sucesso adquirido por Zuzu com o passar do tempo. Novamente não é citado nada sobre o caráter de protesto que ambos os desfiles apresentavam em suas peças.

Em um escrito por Zuzu para a sua autobiografia inacabada a mesma diz: "Agora tenho que entrar nessa política e virar militante. Que jeito? A procura do meu filho, e depois dos filhos das outras, me envolveu completamente." (ANGEL, 1987, p. 31), é explícita a sua imersão nas lutas contra os militares junto com a tomada de consciência que está se tornando uma militante, que tem como motivação a busca pelo filho e depois os filhos de outras mães que sentiam a mesma dor.

Por acreditar que sua moda era uma forma de comunicação, fez uso da mesma para divulgar a cultura nacional junto a sua visão de liberdade e criatividade feminina, num período em que a moda era vista como fútil. A estilista assumiu como um trabalho a busca de informações que levassem ao paradeiro de Stuart, a própria descreve como sendo "Mais um trabalho para mim: substituir meu filho nesta guerra. Falo mal da ditadura, copio e multiplico tudo que me mandam contra Eles." (ANGEL, 1987, p. 71).

Figura 4 - Coluna Social do Jornal Folha de São Paulo



**INTERNATIONAL DATELINE
COLLECTION IV DE ZUZU ANGEL**
— Está sendo apresentada em Nova York. A tônica das vestidas continua sendo a ingenuidade. Ainda os pássaros revoando nos longos e micros; bordados com motivos infantis de livro de estórias. E um capítulo especial para os anjos, estampados e bordados. A noiva, vestido vodete entre os 30 apresentados, vem em longas mangas, trazendo a lembrança de Iemanjá. O xadrez miúdo em grande destaque, lembrando as meninas do interior. Rendas e o polybel da dona Isabel, nesta coleção de Zuzu Angel que a imprensa americana denominou de "The Helpless Angel". O Anjo Desamparado. Na foto Zuzu

Fonte: Acervo Digital Folha de São Paulo.

Figura 5 - Caderno B - Reportagem sobre as últimas coleções da estilista Zuzu Angel, em 1972. Jornal do Brasil - RJ.

A nova mulher de Zuzu Angel



Após ter lançado quatro coleções internacionais nos Estados Unidos, Zuzu Angel, lançou, no Brasil, sua quinta coleção, desta vez primeiro entre nós e agora já em caráter internacional.

Zuzu Angel acredita que não tem mais sentido pensar numa moda convencional e que se destina às estações. Acha que o importante é pensar na vida da nova mulher: "Na década de 60 era importante vender para as mulheres de **establishment**, mas a década de 70 trouxe uma nova mulher, aquela que sai profissionalmente, a mulher que tem uma nova dimensão da vida, a mulher que realmente acredita no que diz. É esta a mulher que eu quero que vista a minha roupa."

A Coleção Dia a Dia, é composta de conjuntos de vestidos práticos que saem direto do atelier para o cliente, roupas, como o nome indica, para o dia-a-dia da mulher atarefada. Pontificam os chemisiers para as menos ousadas, de mangas compridas ou curtas, os vestidos com golinhas, as saias pregueadas e os conjuntos e calças em algodão, polybel ou seda. Neste grupo Zuzu mostra uma grande variedade de cores e de misturas: e xadrez miúdo, os brins, a lonita e o xadrezão misturando-se aos estampados, as rendas grossas e coloridas. Nada de botões e fivelas, que segundo Zuzu são dispensáveis e apenas encarecem o custo da roupa. Os tons são: ferenja, turquesa, verdes e os azuis, muitas vezes em fundo branco, outras em fortes coloridos. Não há diferenças de comprimentos na nova coleção de Zuzu Angel, variando desde o micro curtíssimo até o comprimento abaixo do joelho.

Já a Coleção Holiday, para "festas, feriados e aqueles momentos", é bastante aprimorada: seda pure, organza, crepes, organdis, rendas e rendões. O objetivo é criar vestidos "extremamente femininos." Nesta coleção Zuzu Angel incluiu ainda vários modelos para noivas, em crepe, organdis, sedas, rendas e rendões.

ma
seda
ta e
i de
nos
nos,
ra e
cote

Fonte: Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional

Desta forma conseguiu que o caso do filho ganhasse uma grande repercussão nacional e internacional mesmo com a grande censura instaurada pela Ditadura Militar. A busca desta mãe, que enfrentou autoridades brasileiras e apresentou o caso também a autoridades estadunidenses, durou de 1971 á 1976 quando a mesma foi assassinada através de um acidente de carro na saída do Túnel Zuzu Angel (Túnel Dois Irmãos era o nome da época) no Rio de Janeiro.

3.2 Resultado das Lutas

Vemos que no decorrer dos tópicos anteriores que Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel se inseriram em contextos de luta e subversão aos poderosos e o sistema, quebrando com o papel de mulher e mãe esperado pela sociedade, se incluindo em lutas tanto no meio rural do Nordeste com os senhores de terras como também nas metrópoles do Sul com a ditadura militar e seus agentes de repressão.

Também foi apresentado como se deu toda a trajetória que cada uma levou para se ter uma imagem forte de militantes, e como ambas se adaptaram e construíram suas próprias narrativas de luta, condizentes aos seus lugares e espaços sociais. Hoje temos marcada na História do Brasil as vidas e lutas travadas por Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel na pretensão de trazer à tona fatos como: más condições de trabalho, perseguição, tortura e morte, entre demais outras causas por elas defendidas e já exploradas nos capítulos anteriores.

Como resultado de sua luta, vemos uma Elizabeth Teixeira que deu continuidade a luta do seu marido, após a sua morte em 1962, herdou dele suas metas e feitos, assumiu a liderança da Liga Camponesa de Sapé e da Liga dos Trabalhadores do estado da Paraíba. Não apenas seguiu o que o marido havia iniciado como também sobre seu comando as organizações intensificaram a militância contra os abusos enfrentados pelos camponeses, que sofriam tortura e seguiam em realidade de trabalho análogo a escravidão.

A militante enfrentou várias adversidades durante sua vida, sofreu com perda de três filhos, sendo o suicídio da filha mais velha que vinha fragilizada com a morte do pai e as constantes ameaças e prisão de sua mãe, ainda ocorreu o assassinato de dois outros filhos encomendadas por latifundiários. Teve seus filhos divididos,

colocados para adoção dos familiares e viveu dez anos escondidas no interior do Rio Grande do Norte, sobrevivendo como lavadora de roupa e dando aulas as crianças da cidade.

Apesar de todas estas perdas dolorosas Elizabeth Teixeira manteve-se firme na Luta pelo o trabalhador do campo, se impôs firme contra o machismo da época, se estabeleceu com uma das mulheres pioneiras na Luta. Serviu de exemplo para que outras mulheres ingressassem na luta por seus direitos, como Margarida Maria Alves que foi importante sindicalista dos direitos dos trabalhadores rurais de Alagoa Grande/PB, defendeu o direito a greve dos trabalhadores para reivindicarem melhorias como carteira assinada, 13º salário, etc., foi assassinada em 1983 e manteve-se sem uma resolução ou os culpados punidos.

No âmbito familiar vemos como o desenrolar de sua luta levou Elizabeth Teixeira e seus filhos a se afastarem, quando em 1964 a mesma teve que fugir para não ser presa pelo regime civil militar. Foi um momento de sofrimento que Elizabeth lembra em sua fala no Seminário Memória Camponesa, quando ela diz o seguinte: “Não foi fácil ficar sem João Pedro Teixeira, com meus filhos, depois ficar sem meus filhos, tudo abandonado, na ditadura militar. Foi muito triste” (TEIXEIRA, 2006, p. 26).

Em uma postagem de 20 de março de 2014 no Blog do Instituto Moreira Salles (IMS), escrita por José Carlos Avellar que foi um crítico e gestor público de cinema brasileiro, que fala sobre os extras do DVD de *Cabra Marcado para Morrer* onde se reencontramos os atores depois de 30 anos da finalização do filme, vemos um pouco de como estão os filhos de Elizabeth Teixeira e enfatiza como sua família carrega até hoje as marcas das violências vividas. Durante o filme é apresentado como e onde estão os filhos de Elizabeth, vemos que cada um seguiu sua vida em lugares diferentes, mesmo com o retorno da mãe por intercessão de Coutinho, os filhos permaneceram longe da mãe.

Um exemplo disto é Marta, ela que se estabeleceu no Rio de Janeiro, encontrou a mãe apenas em 1984, a mesma guarda rancor por ter sido separada da sua avó paterna, a quem foi dado após o nascimento para ser criada, e aos oito anos seu pai, João Pedro, a traz de volta para o seu convívio. Em uma de suas falas Marta demonstra sua amargura ao dizer que “Eu sou morta desde a idade de oito anos”. O mesmo se aplica a Marinês que tem Marta como sua família, sendo ela que a acolheu quando

seu avô a expulsou de casa e a mandou para a casa de um tio, onde trabalhou lavando carros para se sustentar. A família de Elizabeth teve uma vida toda marcada por dor, violência e impunidade, se tornaram vítimas recorrentes dos fardos de seus pais.

O final da luta de Zuzu Angel foi diferente de Elizabeth, mas deverá ser dramática. O final da busca empreendida por Zuzu Angel pelo o seu filho termina de forma trágica, esta mãe que enfrentou autoridades brasileiras e apresentou o caso também a autoridades estadunidenses, perdurou do ano de 1971 a 1976.

Sua morte foi anunciada em vários Jornais da época, um exemplo foi a reportagem completa do jornal *Folha de São Paulo* em 1976 (Figura 6), onde se ter o comunicado da morte da estilista. Esta reportagem se publica no período de censura, ela apresenta os fatos de uma forma completa, citando inclusive as queixas de ameaças feitas a Zuzu, como também a suas ações feitas pela a mesma em busca de respostas sobre a morte do filho que levaram a ditadura brasileira a ser conhecida internacionalmente. Na mesma página encontra-se um resumo da trajetória de vida da estilista.

Figura 6 - Reportagem sobre a morte de Zuzu Angel, 15 de Abril de 1976. Folha de S. Paulo - SP



Seu carro espalhou-se ao solo, e ela teve morte instantânea.

Zuzu Angel morre no Rio: automóvel cai de 15 metros

RIO (Sucessal) — A modista Zuzu Angel morreu na madrugada de ontem, quando, a caminho de sua casa na Barra da Tijuca, perdeu o controle do Karmann-Ghia EB-328-GB, que capotou várias vezes na saída do túnel Dois Irmãos, em São Conrado, caindo na pista de acesso ao Gávea Golf and Country Club, 15 metros abaixo.

Zuleika Angel tinha 49 anos. Sua morte foi instantânea e ela será sepultada hoje, às 10 horas, no cemitério de São João Batista, em cuja Capela Real Grandeza é velada desde a manhã de ontem. É possível que, à mesma hora, o Instituto de Criminalística já tenha determinado as circunstâncias em que ocorreu o acidente.

Ao velório de Zuzu compareceram, entre centenas de pessoas, o prefeito do Rio, Marcos Tamboi, o senador Amarel Peixoto (do MDB), o empresário Carlos Machado, Marta Rocha, Sérgio Costa e Silva, Maneco Müller, Lygia Lowndes, Mônica Cordeiro Guerra e Heijolsa e Carlos Lustosa.

Autoridades da 16.ª Delegacia Policial, que registraram a ocorrência, suspeitam que Zuzu Angel tenha sido "fechada" por outro veículo ou que ela tenha dormido ao volante de seu automóvel. A última hipótese pode ser corroborada por Virginia Valle, irmã da modista, para quem Zuzu estava muito cansada. Ela acabara de preparar mais uma coleção, anteontem, filmada por uma emissora de televisão (que a apresentaria nos próximos dias), pelo que estaria bastante satisfeita.

Segundo o jornalista Sérgio Costa e Silva, que a viu num jantar na residência da sra. Lucinha Andrade Vieira, ela se queixara de cansaço, momentos antes de sair e ir buscar o carro, estacionado em frente a seu ateliê, na rua Almirante Pereira Guimaraes, 79-A.

Lourdes Ferrão, sua secretária particular há seis anos, também confirma o cansaço de Zuzu que, na véspera, chegara a dirigir as filmagens feitas pela tevê. O que ela estranha é a violência do acidente. Tanto Lourdes como Virginia asseguram que a modista era uma mulher calma, que dirigia com muita prudência.

Zuzu Angel, que nasceu em Curvelo, Minas Gerais, e que se casou em 1946, nos Estados Unidos, com Norman Angel Jones, de quem era divorciada, era mãe de Stuart Angel. Se vivo, ele estaria com 29 anos de idade. Mas Stuart morreu em 1971, em circunstâncias

Governos Militares". A cada dossiê corresponderia também um exemplar, sempre com a mesma dedicatória. Esse inconformismo lhe teria valido problemas aqui e também nos Estados Unidos.

Lá, ela protestou através de um desfile de modas. Foi em 1972, quando apresentou, em Nova York, sua Colletion IV. Tratando do assunto, mantinha frequentes contatos com personalidades como o senador Edward Kennedy.

Foi uma dessas pessoas que, há alguns meses, quando voltou aos EUA, à teria advertido de que estava sendo rigorosamente vigiada pelo FBI ou pela CIA.

Aos amigos do Brasil, ela teria contado, várias vezes, estar recebendo ameaça de morte. Anteontem à tarde ela disse a um amigo que a convidara para uma festa: "Não vou; recebi um desses telefonemas, não quero sair de casa."

Mas saiu, pois tinha interesses profissionais no jantar.

Segundo Lourdes Ferrão, Zuzu era muito ativa. Acordava sempre às 8 horas. Até o meio-dia, cuidava da oficina. Depois ia para a loja, onde ficava até as oito da noite. Na véspera de sua morte, chegou à loja às 11h20, saiu às 15 e voltou às 17 horas, quando deixou um bilhete. Era a última ordem, com recomendações sobre a decoração, sobre o trabalho do contador e sobre os tecidos.

"Vou amanhã às 11 horas para trazer os papéis do Flávio. Peça ao Carlos Alberto que retire o quadro que está na parede da entrada e o coloque nos fundos. Não se esqueça de mandar colocar os tecidos no carro."

O texto deste bilhete era comentado ontem no velório, onde se informava que o ex-marido, que vive em Juiz de Fora, estava a caminho do Rio, bem como Ana Cristina, a filha que estuda costura nos Estados Unidos.

Fonte: Acervo Digital Folha de São Paulo.

Além das grandes mídias da época, a morte de Zuzu Angel foi anunciada pelo jornal *O Pasquim*, que foi um folheto semanal alternativo que circulou entre 26 de junho de 1969 e 11 de novembro de 1991, por uma equipe formada por nomes como: Ziraldo, Henfil, Chico Buarque, Millôr Fernandes, Claudius, Sérgio Cabral, Caruso,

Reinaldo, Jô Soares, Angeli, entre outros. O folhetim assumiu um papel de oposição ao regime civil militar Brasileiro.

Em uma parte retirada da seção "É Isso Aí Sergio Augusto", no breve artigo de título: Dedo no nariz, em uma parte a qual foi recortada e anexada abaixo (Figura 7) são citadas as mortes de Stuart e Zuzu Angel pelas mãos da ditadura, citando também a luta da estilista em vida por respostas para o desaparecimento e morte do seu filho. Em 1979 temos uma passagem escrita por Heloneida Studart na sessão "Dicas" – (Figura 8), Heloneide que foi uma escritora e política brasileira, fala sobre a morte da estilista e em especial descreve o último encontro entre as duas, onde a estilista relata sobre ameaças de morte e como Zuzu se definia uma mãe desesperada e não uma mulher política.

Figura 7 - Seção "É Isso Aí Sergio Augusto". 1978. Pasquim – RJ

governava, com base no AI-5. Este episódio negro da História brasileira contemporânea veio à luz pela primeira vez no governo Médici, quando da morte do estudante Stuart Edgard Angel Jones, filho de um americano com a figurinista **Zuzu Angel**, morta, cinco anos mais tarde, num estranho acidente de carro. A morte de Stuart **Angel** mobilizou, na época, a embaixada americana e até o cardeal-arcebispo do Rio, D. Eugenio Sales, arranhando para sempre a reputação de um brigadeiro e seus comandados. Os jornais, então

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional

Figura 8 - Seção "Dicas". 1979. Pasquim - RJ

<p>Nas comemorações do primeiro aniversário do Comitê Brasileiro pela Anistia, realizadas em Niterói, houve uma homenagem particularmente tocante prestada a uma ausente: Zuzu Angel. Jantel com ela duas semanas antes de sua surpreendente morte em desastre de carro. O local do nosso encontro foi o Carlitos, ali na Lagoa. Zuzu – boa mineira – pediu um franguinho com quilabo e angu e começou a contar que estava sendo constantemente ameaçada de morte pelo telefone. "Os anônimos dizem que vou amanhecer com</p>	<p>pelo telefone. "Os anônimos dizem que vou amanhecer com a boca cheia de formiga se não parar de reclamar o paradeiro do meu filho. Ora, eu não sou uma mulher política. Sou apenas uma mãe desesperada". Com os olhos muito abertos e aflitos – de mãe desesperada – ela colocou pimenta no frango e disse: "Posso até morrer, mas vou atrás do meu filho até ao céu, pois ele era um anjo". E foi mesmo. – (Heloneida Studart)</p>
---	--

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional

Ainda nas páginas do Pasquim vemos uma citação a Zuzu Angel no prenúncio da entrevista feita com María Esther Gatti, em 1980, na época esta era presidente do

Grupo de Parentes Uruguaios Desaparecidos em sua visita ao Brasil. Temos a comparação da luta das mães Uruguaias com a da brasileira Zuzu, onde fala o seguinte:

Os mesmos motivos que levaram Zuzu Angel à morte e transformaram D. Lilia Celiberti – mãe de Lilian Celiberti – numa figura patética, fizeram de Maria Almeida Quinteros – uma mãe de família bondosa, gorda e alegre – uma personalidade internacional. (Pasquim, 1980, p. 30)

Outro elemento importante para a manutenção da História de luta de Elizabeth e Zuzu estarem tão vividas na memória do povo brasileiro, se deve as produções cinematográficas feitas sobre as histórias de vida dessas mulheres. Sendo essas produções: O filme/documentário *Cabra Marcado Para Morrer* dirigido por Eduardo Coutinho e o filme *Zuzu Angel* do diretor Sergio Rezende, sendo o filme e o documentário peças fundamentais para entendermos o passado e preservamos a memória. Estudar historicamente o passado não passa apenas de vê-lo como realmente foi e sim utilizar de um fato específico, assim como diz Walter Benjamin (1987), é compreender o fato em todas as suas facetas, situando o lugar no passado.

O filme/documentário de Coutinho serviu de fonte para os capítulos anteriores por trazer falas sinceras da ex-líder camponesa Elizabeth Teixeira sobre as dores, percas e lutas. No decorrer desta produção audiovisual vemos o retorno da Elizabeth, viúva de João Pedro Teixeira e líder camponesa, que viveu por dezesseis anos clandestinamente numa cidade do Interior do Rio Grande do Norte. Coutinho permite que Elizabeth ganhe confiança em si mesma, e no passar dos dias cada vez mais vemos a existência de um vínculo entre diretor e entrevistada, onde a mesma relata confortavelmente suas memórias. O filme/documentário foi bastante premiado nos anos seguintes ao seu lançamento, entre estes prêmios estão: FIPRESCI e Interfilm do Fórum de Cinema Jovem - XXXV Festival de Berlim 1985 (Berlim/Alemanha), Tucano de Ouro na categoria de Melhor Filme, o Prêmio da Crítica, o Prêmio OCIC (Ofício Católico Internacional de Cinema) e o Prêmio D. Quixote da FICC (Festival Internacional de Cinema) – Rio de Janeiro 1984, e etc. O filme hoje serve como um lembrete das atrocidades cometidas pelo o regime civil militar e seus agentes, deixando visível diversas violações aos direitos humanos.

Já o filme *Zuzu Angel* de Sérgio Rezende é um filme biográfico romanceado onde temos acesso a um relato dos últimos cinco anos de vida da estilista, onde se

tem flashbacks dos anos anteriores que explicam seu passado. É uma obra, que ao contrário do filme/documentário de Elizabeth, esta foi produzida para agradar uma ampla fatia do público, onde contém atores de nome no cinema brasileiro como: Patrícia Pillar, Daniel de Oliveira, Luana Piovani e Alexandre Borges. Recebeu duas indicações ao Prêmio da Academia Brasileira de Cinematografia (melhor Direção de Arte e de Som) e ganhou o Grande Prêmio Cinema Brasil de melhor figurino. Este filme concedeu bastante visibilidade a luta empregada por esta mãe, usando uma linguagem popular para conversar com a sociedade atual, mantendo viva os fatos ocorridos no regime civil militar de 1964.

Os casos de Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel foram lembradas na CNV, onde passaram por investigação que tinham o intuito de esclarecer à população do que realmente ocorreu no período em que o Brasil permaneceu sobre o poder do regime civil militar de 1964.

Como dito anteriormente no Capítulo 2 deste trabalho, a CNV foi instaurada em 2012 e teve seu relatório final entregue em 10 de dezembro de 2014, no Dia Internacional dos Direitos Humanos, em uma cerimônia realizada no Palácio do Planalto. Neste documento é reconhecida a prática de prisões ilegais, tortura, violência sexual e execuções, entre outros crimes contra a humanidade. Apesar da Comissão não possuir poder judicial, a mesma teve um papel de amenizar a angústia dos familiares das vítimas por uma resposta, como também serve como documento de estudo histórico-social.

A CNV trouxe sobre o caso de João Pedro a conclusão que o Líder Camponês foi morto por pistoleiros contratados por latifundiários da região de Sapé/PB, contou com a “conivência e/ou omissão do Estado brasileiro, em contexto de sistemáticas violações de direitos humanos contra os trabalhadores rurais e as Ligas Camponesas.” (2014, pág. 36). Essa conclusão se deu através de uma investigação que contou com uma audiência pública no 2013 na cidade de Sapé, onde foi ouvido cinco testemunhas que são participantes das atividades políticas do Município, entre estes está Elizabeth Teixeira, nos auge dos seus 88 anos se encontrava ativa e disposta a falar sobre a luta do campo. Ainda no relatório final da CNV é destacada a fala de Elizabeth, que durante a audiência deixou claro o protagonismo do marido na “busca pelos direitos dos trabalhadores do campo” (2014, pag. 34), onde a ex-líder

camponesa “relatou as arbitrárias perseguições que decorreram de sua morte, além das que persistiram no pós-golpe militar.” (2014, pag. 34).

Ainda na CNV temos a conclusão do Caso da Morte de Zuzu Angel, que concluiu que “Zuleika Angel Jones morreu em decorrência de ação perpetrada por agentes do Estado brasileiro” (2014, pag. 1841), ainda no relatório foi revelada existência documentos que provavam a existência de um “intenso monitoramento de Zuzu Angel e de suas atividades, por parte dos órgãos de informações e repressão.” (2014, pag.1838) e ainda tem disponível um documento do Estado-Maior do Exército, onde é recomendado “que as viagens de Zuleika fossem monitoradas, para que “elementos amigos pudessem acompanhar mais de perto os seus passos”.” (2014, pag. 1838). A Comissão Nacional da Verdade contribuiu para dá a Elizabeth Teixeira e as filhas de Zuzu Angel respostas a muito tempo aguardadas, foi deixado claro a responsabilidade das autoridades pelas perseguições, prisões e mortes que marcaram suas vidas e de seus familiares.

Envelheceu enquanto participava ativamente de diversos movimentos sociais, onde se pronunciava sempre a favor de uma melhor condição de trabalho, assim como a fala da mesma para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante uma caravana feita pelo mesmo em 2017 que passou por João Pessoa/PB, onde Elizabeth disse o seguinte: “Enquanto houver a fome e a miséria atingindo a classe trabalhadora, tem que haver luta dos camponeses, dos operários, das mulheres, dos estudantes e de todos aqueles que são oprimidos e explorados” (TEIXEIRA, 2017).

Nos dias atuais Elizabeth Teixeira com 98 anos de idade, hoje se encontra abatida pelo envelhecimento, com base na reportagem 08 de março de 2022 feita pelo portal G1, uma neta da ex-líder camponesa, Wyliana Teixeira, fala como a pandemia afetou a sua avó, descrevendo o quanto a mesma era ativa. Elizabeth teve sua história de vida misturada com a luta do campo, onde marcou seu nome na história, para além de uma viúva, e sim como Líder Camponesa servindo de exemplos para outras mulheres lutarem por seus direitos.

Sobre Zuzu Angel nos dias atuais, temos o Instituto Zuzu Angel que foi fundado em 1993 por Hildegard Angel, sendo o instituto uma entidade civil sem fins lucrativos que trabalha com a promoção e capacitação da moda no Rio de Janeiro. O Instituto Zuzu Angel tem como objetivo manter viva a luta empregada pela a estilista em busca

por seu filho e dos direitos humanos.

Em reportagem de 09 de setembro de 2019 para o portal *época do O Globo* feita pela jornalista Juliana Dal Piva, é dito que Hildegard Angel obteve através de um mandado judicial a emissão das certidões de óbito da mãe Zuzu Angel e do irmão Stuart Angel, onde tem como causa da morte como: “morte não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro, no contexto da perseguição sistêmica e generalizada à população identificada como opositora política ao regime ditatorial de 1964 a 1985”. Ainda temos a fala de Hildegard que diz o seguinte sobre essa vitória:

Isso é uma prova, um atestado, uma certidão de que a resistência funciona. Não se deve desistir, porque você alcança. Sobretudo, tendo pessoas que também são resistentes, como foi o caso da Comissão [de Mortos e Desaparecidos Políticos]. A gente tem de estar junto (ANGEL, 2019)

Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel sofreram duras penas no decorrer de suas vidas, e apesar de todo este sofrimento se mostraram resilientes e mantiveram-se firmes nas suas lutas por justiça, enfrentaram uma força maior de opressão sem esmorecer forças, foram desacreditadas, ameaçadas, perseguidas e separadas de suas famílias. As lutas dessas duas mães resultaram em grandes vitórias posteriores, onde são lembradas até os dias atuais como exemplos de perseverança e amor, serviram de modelo para diversas outras mulheres se entrarem e se manterem firmes nos seus ideais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto no decorrer deste trabalho, Elizabeth Altino Teixeira e Zuleika de Souza Netto foram filhas, mulheres, mães e militantes políticas de grande relevância para o Brasil. Elizabeth Teixeira, denunciava por meio de comícios e reuniões com líder e trabalhadores por melhores condições de trabalho no campo, pregando a ideia da implantação de uma reforma agrária e mantendo-se na busca por justiça pelas mortes do marido e dos filhos. E Zuzu Angel, usou sua profissão e talento na área da moda para expor sua condição pessoal de dor e luto pelo filho, usufruindo de sua notoriedade no âmbito nacional e internacional para entregar relatórios sobre o caso do filho para líderes de estado de outros países, evidenciando para o mundo a situação do Brasil ditatorial de 1964 e apesar de não se enxergar como uma mulher política, se tornou um símbolo nacional, não se imobilizando mediante a opressão sofrida.

Pudemos perceber que essas mulheres subverteram a ordem vigente, denunciaram a seu modo os abusos do regime civil militar brasileiro. E foram alvos da brutalidade das ações empregadas pelo regime civil militar, acabaram sendo ameaçadas, perseguidas e separadas dos filhos. Mesmo vivendo em locais, tempos e espaços diferente, acabaram sendo afetadas pelas mesmas inquietações políticas. Tratamos de entender desde suas origens como se dão as diferenças e semelhanças entre Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel, compreendendo que cada uma viveu um Brasil ditatorial diferente.

Esta pesquisa se fez possível ao beber da Nova História que se fez possível o estudo dos marginalizados, permitindo um diálogo entre diversos campos de estudos, como neste caso a História Política e a História Cultural. Onde se faz possível um diálogo entre o sujeito, seus problemas e o historiador, podendo usufruir deste contato uma forma de compreender o que foi o Brasil no período ditatorial.

O cenário constante de negação de direitos pelo o estado opressor e o cerceamento de direitos, foi ponto culminante para que ambas assumissem uma posição de ataque para com aquilo que as machucaram, e tal posicionamento é de certa forma semelhante em suas trajetórias. Quando trazemos de ambas as narrativas de vida e luta desde de seu princípio, traçando um paralelo entre o momento em que

passam por percas de entes importantes, sendo estes o marido e filhos, até quando ambas firmaram se na linha de frente em busca de seus direitos, acabamos por ver duas mulheres que não se esconderam atrás do discurso histórico que dá o lugar de fala ao masculino.

Essas duas mulheres, assumem seus protagonismos de falas e de lutas contra todo um sistema opressor vigente no país. Suas histórias nos contam sobre si e sobre a sociedade brasileira, em momentos da história social e política de opressão, violência e quebra dos direitos constitucionais, se tornando, pessoas importantes para a história do Brasil que continuam vivas na lembrança da população por trazem exemplo de perseverança na luta por Justiça, em um período que expor suas dores era um crime.

Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel, através de suas trajetórias de lutas serviram de exemplo de perseverança. Cada uma dessas mulheres e mães contribuíram de sua forma para a memória nacional e a história viva dos movimentos sociais. O resgate às histórias de vida dessas mães, nos levam a repensar a importância de um ensino de história de qualidade, para combater uma onda de negacionismo que surge na população mundial. Esse negacionismo que consiste em negar evidências concretas, assim estabelecendo uma nova narrativa que os agrade.

Esse movimento polui a mente daqueles que não tem o conhecimento amplo de suas raízes históricas, nesse caso específico, se dá pelo movimento que busca trazer de volta um regime militar para o Brasil, deixando coberto todos os horrores que ocorrem nesse período. Sendo as vidas e lutas de Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel, um exemplo de toda a brutalidade empregada pelos agentes desse regime, que cessaram com vidas e conseqüentemente destruíram famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Juliana Ferreira. **Ophélia amorim e as ligas camponesas na paraíba: as militantes de esquerda contra-atacam**. Disponível em: <
<http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviiieeh/xviiieeh/paper/viewFile/3490/2632> >
Acesso em: 14 de junho de 2022.

ALVES, Juliana Ferreira. **Luta e resistência na paraíba: a liga camponesa de Sapé**. Disponível em: <
http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494167488_ARQUIVO_ARTIGO-PRONTO-FORTALEZA2017.pdf > Acesso em: 15 de junho de 2022.

ALVES, Maria Helena M. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Trad. Clóvis Marques. Petrópolis: Vozes, 1984.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. São Paulo: Atlas, 1986.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência - O Estado de S. Paulo e Movimento**. 1. ed. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999. v. 1. 269p.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AZEVÊDO, Fernando Antônio. **As Ligas Camponesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1 São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma opinião sobre as representações sociais**. In: Representações - Contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000. P. 9-29.

CAVALCANTE, I. A VIDA FEMININA NOS ANOS DE CHUMBO: representações femininas no Brasil nos anos 60 e 70. QUIPUS - ISSN 2237-8987, v. 1, n. 1, p. 83-101, 26 dez. 2011

CHAMMAS, Eduardo Zayat. **O Correio da Manhã no golpe de 1964: impasses e dilemas na relação com os militares**. Disponível em: <
http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300687811_ARQUIVO_textoanpuh2011.pdf > Acesso em: 27 de novembro de 2022.

FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.24, n.47, p.29-60, 2004.

VAN HAM, Antônia Maria [et al]. **Memórias do povo: João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas** – deixemos o povo falar. João Pessoa: Ideia, 2006.

INSTITUTO ZUZU ANGEL. **Acervo documental e têxtil do Instituto Zuzu Angel**. Disponível em: <https://www.zuzuangel.com.br>. Acesso em:

LACERDA, Carla Cristina Delgado. **Moda como forma de protesto em desfile de Zuzu Angel**: Nova York, setembro de 1971. 2011. P.51. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes e Design.

LEMOS, Francisco de Assis. **Nordeste: o Vietnã que não houve** – Ligas camponesas e o golpe de 64. João Pessoa: Linha d'Água, 2008.

MACHADO, Vanderlei. **Paternidade, maternidade e ditadura: a atuação de pais e mães de presos, mortos e desaparecidos políticos no Brasil**. História Unisinos, São Leopoldo, v. 17, ed. 2, p. 179-188, 27 nov. 2013. DOI 10.4013/htu.2013.172.09. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866792011>. Acesso em: 22 nov. 2022

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso em: 17 de novembro de 2018.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PINTO, Ana Paula Moreira. **Quem é essa mulher? Zuzu Angel (des) construída**. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(13\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(13).pdf). Acesso em: 17 de novembro de 2018.

RAGO, Luzia Margareth. **"Escrever de novo a palavra Mulher"**: recontando a história das lutas feministas. In: Antonio Celso Ferreira; Holien G. Bezerra; Tania Regina de Luca. (Org.). O historiador e seu tempo. 01ed.São Paulo: UNESP, 2007, v. 01, p. 139-162.

RAGO, Luzia Margareth. **Memórias Insubmissas: mulheres nas ditaduras latino-americanas**. Labrys (Edição em Português. Online), v. 15-16, p. 10-50, 2009

RAGO, Luzia Margareth. **A coragem feminina da verdade: mulheres na ditadura militar no Brasil**. Caderno Espaço Feminino, [S. l.], v. 28, n. 2, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/34166>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

RIOS, P. P. S.; BASTOS, A. Dos S.; BARROS, E. Da R. **Mulheres No Semiárido Brasileiro: Uma História Invisibilizada**. Revista Ouricuri, v. 5, n. 2, p. 1-17, 31 ago. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/view/1482>. Acesso em: 29 de dezembro de 2022.

SEMINÁRIO MEMÓRIA CAMPONESA, 1., 2006, João Pessoa. **Seminário Memória Camponesa** [...]. Assembleia Legislativa: [s. n.], 2006. 94 p. v. 1. Tema: Liga Camponesa. Disponível em: <http://www.ligascamponesas.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Seminario-Memoria-Camponesa-1-Mesa.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Memórias da dor e do luto: as indumentárias político-religiosas de Zuzu Angel**. 2014. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/index>>. Acesso em: 17 de julho de 2022.

THÉ BAUD, Françoise. (Org.). **História ocidental das mulheres**. Vol.5 – o século XX. Porto/São Paulo: EBRADIL/Edições Afrontamento, 1991.

VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

VENTURA, Zuenir. **1968: O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018

Documentos

Arquivo Nacional: Informação 009/21/AC/76.

Arquivo Nacional. BR DFANBSB VAZ. p. 7.

Arquivo Nacional. BR_DFANBSB_AAJ_IPM_0899_d

BRASIL, Comissão Nacional da Verdade. Relatório/Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014. Vol. III, Mortos e Desaparecidos 1970- 1971, pp. 319-320.

INSTITUTO ZUZU ANGEL, Fotocópia de carta de Alex Polari de Alvarenga relatando a prisão e as sessões de tortura sofridas por Stuart, 23 de maio de 1972.

Músicas

ANGÉLICA. Chico Buarque de Hollanda e Miltoninho, álbum “Almanaque”, Brasil, 1981.

Jornais

A NOVA Mulher de Zuzu Angel. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXXII, n. 127, 25 ago. 1972. Caderno B, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&Pesq=Zuzu%20Angel&pagfis=243109. Acesso em: 18 de agosto de 2021.

ACUSADOS de assalto depõem na Auditória. **Folha De S. Paulo**, São Paulo, ano 52, n. 43.80, p. 4, 5 maio 1972. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4380&keyword=Zuzu&anchor=4338899&origem=busca&originURL=&pd=8cc689f9d938572bbd9ecbd8999a3e09>. Acesso em: 28 de junho de 2021.

AUGUSTO, Sergio. É Isso Aí Sergio Augusto. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, ano IX, n. 452, 24 fev. 1978. Seção, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&Pesq=zuzu%20angel&pagfis=16163>. Acesso em: 16 de junho de 2021.

BALAIÓ. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXIX, n. 23520, 17 dez. 1969. Anexo, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&Pesq=zuzu+angel&pagfis=107047. Acesso em: 13 de agosto de 2021

HOMENAGEM as 10 mulheres do progresso social. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXVIII, n. 23227, 27 dez. 1968. 1º Caderno, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&Pesq=zuzu+angel&pagfis=98527. Acesso em: 13 de agosto de 2021.

MIRANDA, Tavares de. Coluna Social: International Dateline Collection IV de Zuzu Angel. **Folha De S. Paulo**, São Paulo, ano LI, n. 15.578, p. 30, 9 fev. 1972. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4294&keyword=ZUZU&anchor=4333294&origem=busca&originURL=&pd=77e3a52761230798d7e0ab948d7de22a>. Acesso em: 23 de junho de 2021.

PIVA, Juliana Dal. Hildegard Angel sobre certidões de óbito da mãe e do irmão: 'Resistência funciona'. *In: ÉPOCA: O Globo*. [S. l.], 20 set. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/hildegard-angel-sobre-certidoes-de-obito-da-mae-do-irmao-resistencia-funciona-23937097>. Acesso em: 18 de janeiro de 2023.

ROCHA, Ana Beatriz. Elizabeth Teixeira: primeira mulher a liderar uma Liga Camponesa é fonte de inspiração na luta agrária. *In: G1*. Paraíba, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/03/08/elizabeth-teixeira-primeira-mulher-a-liderar-uma-liga-camponesa-e-fonte-de-inspiracao-na-luta-agraria.ghtml>. Acesso em: 18 de janeiro de 2023.

STUDART, Heloneida. Zuzu, meu anjo. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, ano X, n. 504, 23 fev. 1979. Dicas, p. 4.

ZUZU Angel Morre no Rio: Automóvel cai de 15 metros. **Folha De S. Paulo**, São Paulo, ano LVI, n. 17.200, 15 abr. 1976. Nacional, p. 4. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=5821&keyword=Zuzu&anchor=4238017&origem=busca&originURL=&pd=1913f5e8d7fe10723fb70c07bb221dc4>. Acesso em: 12 de agosto de 2021.

Audiovisuais

CABRA Marcado Para Morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Eduardo Coutinho, Vladimir Carvalho, Zelito Viana. Roteiro: Eduardo Coutinho. Brasil: Mapa Filmes e Eduardo Coutinho Produções Cinematográficas, 1984. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 10 de agosto de 2022.

ZUZU ANGEL. Direção: Sérgio Rezende. Produção: Joaquim Vaz de Carvalho. Roteiro: Sérgio Rezende, Marcos Bernstein. Fotografia de Pedro Farkas. RIO DE JANEIRO: Warner Bros, 2006. DVD.